



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CARLOS HENRIQUE CASTRO FRANÇA

**DESVIOS E CRIMES NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE
SOBRE CAPITÃES DA AREIA**

JOÃO PESSOA - PB

2018

CARLOS HENRIQUE CASTRO FRANÇA

**DESVIOS E CRIMES NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE
SOBRE CAPITÃES DA AREIA**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, orientado pela Professora Doutora Alyere Silva Farias.

JOÃO PESSOA – PB

2018

CARLOS HENRIQUE CASTRO FRANÇA

**DESVIOS E CRIMES NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE
SOBRE CAPITÃES DA AREIA**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da aprovação: ____ de junho de 2018.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Alyere Silva Farias
Orientadora

Prof. Dr. Exedito Ferraz Júnior
Examinador

Profa. Dra. Maria Bernardete da Nóbrega
Examinadora

Ms. Aline Cunha de Andrade Silva
Suplente

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F814d Franca, Carlos Henrique Castro.

DESVIOS E CRIMES NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: UMA
ANÁLISE SOBRE CAPITÃES DA AREIA / Carlos Henrique
Castro Franca. - João Pessoa, 2018.
61 f.

Orientação: Profª Drª Alyere Silva Farias Farias,
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. franca. I. Farias, Profª Drª Alyere Silva Farias.
II. . III. Título.

UFPB/CCHLA

A Deus que me deu sabedoria, inteligência e que esteve comigo em todos os momentos.

Aos meus pais, Dorival de Souza França e Edith Castro França, *in memoriam*, pelos seus ensinamentos transmitidos com tanta dedicação e amor e pelo incentivo aos estudos desde minha primeira escola.

Aos meus sogros, Manoel Amaro dos Anjos e Maria Cabral dos Anjos, *in memoriam*, pelos seus exemplos de vida simples, baseados na Bíblia, a palavra de Deus.

À minha esposa Melita Cabral França que, por tantas vezes, abdicou-se de suas atividades e que, com muita paciência e compreensão, entendeu o meu desejo e objetivo de realizar esse sonho.

Aos meus filhos Henrique França e sua esposa Christinne Eloy, Karla França Azevedo e seu esposo Marciano Azevedo e Carlos França Júnior e sua esposa Mayane França que me incentivaram desde o início e que sempre estavam à disposição para me auxiliarem e me acalmarem nos momentos mais tortuosos.

Aos meus netos Clara Eloy, Edu Eloy, Davi França, Lucas França, Sofia França e Maitê França que foram a minha inspiração para esta vitória.

À minha orientadora, professora doutora Alyere Silva Farias, que não mediu esforços para tirar minhas dúvidas e que, na sua perfeita orientação, transmitiu seus ricos conhecimentos para que eu pudesse fazer um trabalho digno.

Aos professores doutores Expedito Ferraz Junior e Maria Bernardete Nóbrega, e à Mestranda Aline Cunha de Andrade Silva que abrilhantaram esses momentos da minha vida acadêmica.

A todos os outros professores e professoras que, brilhantemente, souberam suprir a minha vontade de aprender e ensinaram que a maior idade nunca seria e nunca foi motivo de desânimo para se alcançar nossos objetivos.

Aos meus amáveis, queridos e respeitosos colegas que foram um motivo único para que eu concluísse a minha tarefa de aprender para ensinar. Em especial à equipe à qual fiz parte com muito orgulho formada por Ana Gabriela, Ingrid Nascimento, Janaina Ferreira, Rodrigo Gonçalves e Rodolfo Dantas.

“A solução dos problemas humanos terá que contar com a literatura, a música, a pintura, enfim com as artes. O homem necessita de beleza como necessita de pão e de liberdade. As artes existirão enquanto o homem existir sobre a face da terra. A literatura será sempre uma arma do homem em sua caminhada pela terra, em sua busca de felicidade”.

(Jorge Amado)

RESUMO

Nosso trabalho faz uma reflexão sobre os “Desvios e crimes na infância e adolescência: uma análise sobre *Capitães da Areia*”, obra de Jorge Amado, de 1937, baseados nas teorias do sociólogo Anthony Giddens (2008). Para melhor entendermos como aconteciam esses desvios e crimes na década de 30, analisamos o comportamento de Pedro Bala, chefe dos capitães, e seus integrantes, retratando a ficção para a realidade e quais as suas diferenças ou semelhanças nos nossos dias atuais, em pleno século XXI quando tratamos da delinquência juvenil. O objetivo do trabalho é analisar e refletir, também, sobre os *Capitães da Areia* hoje, a partir da obra *Abusado, o dono do morro Santa Marta*, de Caco Barcelos. Nos utilizamos de outros vários escritores, como Bosi (2012), Candido (1970 e 1989), Caliman (2008), Duarte (1996) e Rossi (2009), através dos quais conseguimos um expressivo auxílio para que pudéssemos enriquecer a nossa intenção e os objetivos de trazer à tona um problema tão relevante para a nossa sociedade com o é o caso dos desvios e crimes que abalam, principalmente, a nossa urbe. Acreditamos que os nossos objetivos foram alcançados na medida em que nos dispomos a reunir argumentos para que nossas autoridades tomem conhecimento de tais fatos e que procurem solucioná-los dentro da Constituição e do Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA.

Palavras-chave: Jorge Amado; Capitães da Areia; Desvios; crimes; delinquência juvenil.

ABSTRACT

Our task will be a reflection on the "Deviations and Crimes in Childhood and teenager: An Analysis on Capitães da Areia", by Jorge Amado, 1937, based on the theories of sociologist Anthony Giddens (2008) to better understand how these deviations and crimes occurred in the midst of the twenty-first century, when we deal with juvenile delinquency. In this case, we have to analyze the behavior of Pedro Bala, chief of the captains, and their members, portraying fiction for reality and what their differences or similarities are today. The objective of the work is to analyze and reflect, also, on the Captains of the Sand today, from the Abused work, the owner of the hill Santa Marta, of Caco Barcelos. We use other writers, such as Bosi (2012), Candido (1970 and 1989), Caliman (2008), Duarte (1996) and Rossi (2009), through whom we achieve significant help so that we could enrich our intention and the objectives of bringing up important problems to our society as cases of deviations and crimes that mainly shake our city. We believe that our objectives have been achieved to the extent that we are willing to put forward such arguments to our authorities that are aware of these facts and seek for solutions for it within the law.

Keywords: Jorge Amado; Capitães da Areia; Desviations; Crimes; Juvenile delinquency.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1 – DESVIOS E CRIMES	15
1.1 – Jorge Amado e seus desvios.....	15
1.2 – Capitães da Areia e o Romance de 30.....	16
1.3 – Desvios e crimes na teoria do sociólogo Anthony Giddens.....	19
Capítulo 2 – CAPITÃES DA AREIA E SEUS DESVIOS E CRIMES	24
2.1 – Integrantes do Capitães da Areia.....	31
Capítulo 3 – OS CAPITÃES DE ONTEM E DE HOJE EM JORGE AMADO E CACO BARCELOS	43
3.1 – Pedro Bala – De delinquente a militante proletário.....	45
3.2 – Os capitães de ontem e de hoje: entre a ficção e a realidade.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

Muitas são as obras que escrevem sobre a delinquência juvenil. Diversos autores a apresentam e discutem, e dentre os que produziram romances na década de 1930, escolhemos analisar como o escritor Jorge Amado discute esse tema, especificamente em sua obra *Capitães da Areia*.

A escolha dessa obra foi motivada desde quando, em dois períodos do meu curso, estudando as disciplinas Literatura Brasileira IV e Literatura Brasileira V, me deparei com a escrita de monografias e optei por estudar o romance *Capitães da Areia*. Desde então passei a pesquisar outros autores que falassem ou comentassem sobre essa obra de Jorge Amado. Contudo, minha relação com este romance se estabeleceu muito antes das disciplinas citadas. Para que fizesse esses trabalhos, voltei à minha infância e adolescência quando então, iniciante na leitura de obras de escritores brasileiros, fui incentivado pelo meu pai, que era professor de Literatura Brasileira e que dispunha de uma biblioteca suprida de diversos livros, de muitos escritores nacionais e estrangeiros, pois era professor também de latim e francês. A partir de então, cada vez mais motivado, dediquei-me à prática da leitura, escolhendo aleatoriamente algumas obras. Faziam parte da nossa biblioteca: Monteiro Lobato, José de Alencar, Camões e muitos outros escritores. Jorge Amado não era um dos meus prediletos.

A sua coletânea de vinte e sete livros ainda não me atraía para a devida leitura. Porém, pouco tempo antes de ingressar na universidade comecei a leitura de algumas obras de Amado como *Gabriela, Cravo e Canela*, *Tenda dos Milagres*, *Tieta do Agreste*, *Dona Flor e seus dois maridos* e outras. No momento em que estudava Literatura Brasileira, me vi com a obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, em minhas mãos e lendo-a com afinco para as monografias. Foi um passo decisivo para que a escolhesse como tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso-TCC. Para me motivar mais ainda, ouvia e assistia as notícias sobre o nosso país quando o assunto sempre era, exatamente, a criminalidade infanto-juvenil.

A escolha da obra *Capitães da Areia* também se deu mediante pesquisas sobre outros trabalhos literários, escritos a partir dos anos 30, e por se tratar de um romance que, apesar de ter sido escrito em 1937, oitenta e um anos atrás, continua muito próximo à nossa experiência atual e que nos faz refletir sobre a proximidade entre todos os seus acontecimentos e a atualidade. Este romance foi uma das

primeiras obras da literatura brasileira a tratar do assunto delinquência juvenil, e trata de um grupo de crianças de rua em Salvador, na Bahia, que viviam abandonadas e que lutavam, unidas, para encontrar uma melhor forma de suprir a atenção que lhes era negada. “Uma orfandade não apenas familiar, mas de todo o aparato político institucional, que os tratavam como os “delinquentes que infestam nossa urbe”. (ROSSI, 2009, p.27).

Jorge Amado, neste romance, reflete sobre a existência da desigualdade social, que separa ricos e pobres, sobre uma classe oprimida pelo capitalismo existente naquele momento. Essa observância o levou a refletir também sobre a religião afro-brasileira como uma interpretação do mundo em uma visão mais ampla, de Pedro Bala, um dos personagens principais, chefe dos “capitães”, das hierarquias sociais. A luta dos praticantes do candomblé pelo direito de exercer a sua religião, ou o seu culto, fez também com que Bala se tornasse um “militante proletário [...] perseguido pela polícia de cinco Estados como organizador de greves e como dirigente de partidos ilegais”. (ROSSI, 2009, p.28). Amado demonstrava grande interesse pela cultura e a religiosidade afro-brasileiras, cuja matéria convergiu para as suas obras ficcionais. “Fez de seus livros um hino à cultura negra e mestiça de nosso país e à miscigenação que nos faz ser o que somos” (OLINTO, 1999, p.158).

Considerado como o primeiro livro da Literatura Brasileira a citar o abandono de crianças nas ruas da Bahia, separados ou esquecidos pela família, pela sociedade, ou pelas instituições sociais, *Capitães da Areia* nos mostra uma modalidade de malandragem dentro de um romantismo de 1930: “a ideia do bandido bom, herói de seu povo, vingador de sua classe, que enfrentava as forças do capitalismo e da propriedade privada nos mais diversos *fronts*, de peito aberto” (SOARES, 2000, p. 24). Essa separação de ricos e pobres empurrava os menos favorecidos, no caso as crianças e adolescentes, para uma vida em busca daquilo que lhes era negado, como educação, moradia, alimento. Era um sistema desigual, desumano que os fazia conhecedores das suas dificuldades, levando-os a roubar o necessário para a sua sobrevivência, mas que não os levava a praticarem crimes desviantes maiores, como o assassinato de alguém:

O romance dos meninos de rua recupera o ímpeto romanesco e heroificador dos humildes adotado desde Cacaú. Os pequenos bandidos chefiados por Pedro Bala surgem acima de tudo como vítimas de uma sociedade opressora e hipócrita. A violência que praticam é inscrita no texto quase sempre como justa e, mesmo

necessária – uma resposta à violência econômica sofrida pelos de baixo e transformada em agressão sádica quando praticada pelo aparelho repressivo. O romance toma o partido dos, já àquela altura, considerados menores, mas para fazê-los maiores. Eles se engrandecem no drama do Sem Pernas, que prefere o suicídio ao reformatório; no arrependimento culpado de Pedro Bala, quando se coloca no lugar de sua vítima; e, como não poderia deixar de ser, no momento em que o grupo retifica sua prática e avança rumo às lutas sindicais e política (DUARTE, 1996, s/p).

Baseado nos importantes fatos que são relevantes no romance de Jorge Amado e que nos trazem à tona a vivência desses meninos de rua, nosso trabalho terá por finalidade fazermos uma reflexão sobre os desvios e crimes na infância e adolescência, ao tecer uma análise de *Capitães da Areia*.

Para analisar os desvios e crimes, partimos do que o sociólogo Anthony Giddens define como desvio, a saber, “o que não está em conformidade com determinado conjunto de normas aceite por um número significativo de pessoas de uma comunidade ou sociedade (GIDDENS, 2008, p. 205).

O autor descreve ainda a delinquência como atos que infringem as regras de condutas normatizadas em uma sociedade, geralmente associados à delinquência dos jovens. Os atos criminosos ou delinquentes são considerados frequentes ou imputados aos jovens incluídos na faixa etária de 12 a 18 anos de idade. As diferentes condutas desviantes acabam por se relacionar com a delinquência. A importância dos enunciados de Giddens (2008), para o nosso trabalho, dá-se pelas suas abordagens nas teorias sobre crime e desvio, como as Teorias Funcionalistas, Interacionistas, Controle Social, entre outras, que, apesar de não estarem expostas em nosso texto, dão suporte às nossas pretensões quanto ao nosso tema.

Como categoria temática, escolhemos a delinquência, especificamente através do roubo e do furto, que levanta uma discussão constante entre a sociedade e as autoridades governamentais, que se revezam na tentativa de solucionar essa problemática. Selecionamos, para nos fundamentarmos teoricamente, os conceitos do sociólogo Anthony Giddens, em especial sua obra *Sociologia* (2008), que faz uma abordagem, no oitavo capítulo, do crime desviante, como roubos e assaltos. A categoria escolhida está presente praticamente em toda a obra, mas, dentro da categoria delinquência, a de maior relevância, para nós é o furto e roubo, por estar apresentada ao longo de toda a trama.

No romance seria possível analisar diversas outras categorias como o estupro, a diversão, a religião, o candomblé etc. Entretanto, por acharmos mais

plausível nos concentrarmos em apenas uma, dado o curto tempo de pesquisa de que dispomos, preferimos a delinquência por ser uma temática atual que envolve praticamente todos os personagens.

Para tentarmos compreender como a sociedade define a delinquência, é possível ainda trazer à nossa discussão a definição do Dicionário Informal, construído de maneira colaborativa por seus usuários, e neste momento tomado como representação do que a sociedade hoje entende por delinquência: “é o ato em que um menor passe a agir de forma inadequada a um determinado grupo de pessoas (sociedade), agindo contra os costumes escritos ou não de uma determinada sociedade”¹.

Podem ser vários os motivos que levam à delinquência juvenil, à violência. O que estimula esses jovens a praticarem atos delinquentes: o processo acelerado de urbanização e globalização vivido por muitos países, além da pobreza e da desigualdade social; a precariedade dos serviços públicos; o uso de drogas e o tráfico, particularmente o crack, o ecstasy, maconha, cocaína e heroína; a desintegração das relações familiares e das redes sociais; a disponibilidade de armas através dos traficantes ou outras fontes que dão acesso fácil aos delinquentes. Dentre todos estes possíveis motivos, há que se considerar o comportamento desviante, diferente do esperado, incomum, fora da regra, como o fator que caracteriza a delinquência.

Capitães da Areia foi publicado em 1937. O romance destaca o dia-a-dia de um grupo de crianças e adolescentes, praticantes não só de diversos assaltos, como também de alguns atos violentos que provocam repressão policial. Mostra o cotidiano de um grupo de meninos de rua, que moravam em um trapiche na cidade de Salvador, Bahia. Não destaca apenas os roubos e assaltos praticados por eles e suas atitudes delinquentes, mas procura nos fazer entender, também, de suas aspirações, desejos sonhados por qualquer criança e adolescente. É uma obra inserida no contexto da Segunda Geração do Modernismo Brasileiro, também chamada de Geração de 1930, firmada em um período de tensões ideológicas e de guerra. A Segunda Guerra Mundial, e o Estado Novo no Brasil, ou seja, a ditadura de Getúlio Vargas (1937 a 1945) estavam acontecendo nesse mesmo tempo. Desde então o Brasil sofreu modificações na sua política. Por causa do pessimismo que se

¹ <https://www.dicionarioinformal.com.br/delinqu%C3%Aancia/> - Acesso em 20.04.2018.

apresentava presente em toda a sociedade, essa inquietação ecoou nas expressões literárias. A literatura se voltou à realidade social brasileira. *Capitães da Areia* surgiu, então, nesse momento, trazendo à luz um bando de crianças abandonadas, em uma obra hoje classificada na tendência neorrealista e regionalista do que chamamos de Romance de 1930.

O neorrealismo, ou segunda fase do modernismo (1930 a 1945), costuma envolver e expor os problemas sociais. A obra considerada neorrealista se voltava para as críticas à sociedade e denunciava os problemas sociais que aconteciam no Brasil, e registra o misticismo religioso e urbano, retrato desse impasse entre as classes sociais. “[...] o neorrealismo apresenta uma literatura engajada com os motivos sociais e políticos: ideais humanitários, homem sofrido e marginalizado. É um movimento ideológico e eclético” (MARTINS e LEDO. 2003, p.111). O regionalismo de 30 também se preocupava com as desigualdades e injustiças sociais, principalmente na região Nordeste. No Brasil, na década de 30,

[...] começa a se delinear o que alguns críticos chamam de realismo regionalista brasileiro e outros, de regionalismo. Independentemente da denominação, trata-se de um movimento artístico que, além de manter alguns dos pressupostos iniciais do Modernismo, relaciona-se com os demais movimentos artísticos da década de 30. Mas, mais do que isto, dialoga diretamente com os acontecimentos históricos do período. (HOGRAEFE, 2015, p.38).

Inscrita nesta perspectiva, após ter sido apreendida a sua primeira edição, em 1937, e queimada em praça pública (oitocentos volumes) pelas autoridades do Estado Novo, a obra de Jorge Amado, *Capitães da Areia*, foi reeditada em 1944, o que gerou outras edições nacionais e estrangeiras, adaptadas para o rádio, televisão e cinema. O romance é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente. Essa característica narrativa possibilita que seja cumprida uma tarefa facilmente notada pelo leitor: mostrar o outro lado dos *Capitães da Areia*. Nosso objetivo geral é analisarmos os desvios e crimes na infância e adolescência e fazermos uma análise sobre *Capitães da Areia*, e como eles se fazem presentes nesse romance. Dividimos o nosso trabalho em três capítulos, os quais colocamos como nossos objetivos específicos.

No primeiro capítulo, intitulado “Desvios e crimes”, nos concentramos em uma aproximação do autor, da obra e da teoria sociológica, a partir do nosso recorte:

desvios e crimes, assim, apresentamos Jorge Amado e seus desvios, *Capitães da Areia* e o romance de 1930, na perspectiva de exposição desviante e desconfortável para a sociedade da época, e os desvios e crimes na perspectiva do sociólogo Anthony Giddens (2008). O segundo capítulo foi reservado para analisarmos os desvios e crimes dos capitães da areia, já no terceiro capítulo nos concentramos na personagem Pedro Bala e nas aproximações entre a narrativa da década de 1930 e a atualidade.

CAPÍTULO 1 – DESVIOS E CRIMES

A sociedade compreende como desvio qualquer comportamento que fuja às suas regras de comportamento, escritas ou não. Dessa maneira, procuramos refletir sobre o comportamento desviante do autor do romance *Capitães da Areia*, Jorge Amado, bem como sobre as características que fazem este romance, que veio à luz na década de 1930, uma narrativa que se caracteriza como desviante. Para dar seguimento à nossa leitura, apresentaremos as reflexões de Anthony Giddens (2008) sobre os desvios e crimes.

1.1 - Jorge Amado e seus desvios

Na biografia de Jorge Amado, destaca-se como desvio para a sociedade o momento em que ele conheceu a ideologia do partido comunista quando se formou em Direito, apesar de ter se afastado da militância no ano de 1955, logo após o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, quando foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores e de ter publicado *Os subterrâneos da liberdade*, passando a dedicar-se à Literatura. A sociedade brasileira passava por uma transformação resultante da Revolução de 30 e com a chegada de Getúlio Vargas à presidência, o que resultava em uma instabilidade e crise por conta das organizações políticas que estavam prontas a tomar as rédeas do novo Estado. Organizações essas como a Ação Integralista Brasileira (AIB), em 1932, e, posteriormente, em 1935, a Aliança Nacional Libertadora, cujas ideologias da época se radicalizavam ao fascismo e ao comunismo. No meio dessa situação política, para que os intelectuais, tentando compreender qual seria a realidade brasileira dentro do contexto de uma nova era moderna, entra em cena,

[...] uma literatura de feições realistas e de vocação quase sociológica, atenta a cenários e personagens até então pouco contemplados por nossos escritores: o migrante nordestino, a temática da seca, a decadência das oligarquias rurais e também o proletariado nascente, a luta de classes e a miséria urbano-industrial. Além de Jorge Amado merecem destaque nomes como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Amando Fontes, Erico Verissimo, Dionélio Machado, José Lins do Rego, Patrícia Galvão (Pagu), Octávio de Farias, Lúcio Cardoso e muitos outros que, mais tarde, entrariam para os compêndios de história literária como alguns dos mais notáveis representantes do chamado “romance social” da

década de 1930. Não surpreende, portanto, que tenham saído da pena desses romancistas algumas das mais expressivas interpretações da vida social brasileira produzidas a partir daquela década. (ROSSI, 2009, p.24e 25).

Amado enfrentou, por causa da sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro, sérios problemas que fizeram com que, a partir dessa época, lançasse seus livros *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães da Areia* (1937). A relação entre a literatura e a política, enquanto na militância partidária, interviram na ficção de Jorge Amado. A militância foi uma peça chave na sua trajetória como escritor.

Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, no atual município de Itabuna/BA-Brasil, e viveu na região sul baiana, entre a fazenda e a cidade de Ilhéus, até o ano de 1922, quando foi para Salvador completar seus estudos secundários. Em 1930, passou a residir no Rio de Janeiro, onde cursou a Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira de escritor publicando poesias e artigos em periódicos de pequena circulação e, em 1931, lançou seu primeiro romance, *O país do carnaval*. Teve uma longa e relevante produção intelectual até o fim de sua vida, vindo a falecer em agosto de 2001. (SANTOS, F.G; RODRIGUES, I.O; BRICHTA, L, 2013).

Nascido no interior e tendo vivido na cidade, um tempo da sua infância e adolescência, ele atraiu, para si, a observação do ciclo do cacau, o viver sertanejo bem como os problemas sociais que aconteciam no Brasil nos anos 30, e que, não por coincidência, continuam patentes em nosso país, em pleno século XXI, como o abandono de menores e as injustiças sociais, por exemplo.

1.2 – CAPITÃES DA AREIA E O ROMANCE DE 1930

O que chamamos hoje de romance de 1930 é localizado na segunda fase do Modernismo, entre 1930 e 1945. Nesse período houve o fim da República Velha e do domínio das oligarquias cafeeiras. Em 1937 deu-se o início do Estado Novo no Brasil, com Getúlio Vargas, até 1945 quando este renunciou. As questões sociais eram temas estudados e discutidos em um clima de busca das raízes onde os intelectuais procuravam mostrar, denunciar, criticar e dar sugestões para que fossem resolvidos os problemas sociais

Alguns princípios básicos do romance realista foram adotados por autores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Érico Veríssimo e outros, cujas características eram: a verossimilhança, o retrato da realidade em seus elementos históricos e sociais, a linearidade narrativa, e a tipificação social das personagens.

Em *Capitães da Areia* encontramos outras características que nos levam a refletir sobre o quadro social, como a estrutura econômica, o subdesenvolvimento cuja abordagem expunha os problemas urbanos, resultando em uma crítica à sociedade. A realidade brasileira mostrava que os menos favorecidos eram colocados à margem dos poderes e poderosos.

De maneira geral, as narrativas parte do “romance de 30”, segundo o crítico Alfredo Bosi (2012), são de dois tipos: Romance de tensão máxima e o romance de tensão crítica. O primeiro, que nos interessa neste momento, apresentará ações situadas e datadas, ao estilo de uma crônica, reportagem, documentário, fatos bem objetivados. E também a proliferação de tipos secundários e pitorescos e a história servindo como pano de fundo, como observa o autor: “Há conflito, mas este configura-se em termos de oposição verbal, sentimental quando muito: as personagens não se destacam visceralmente da estrutura e da paisagem que as condicionam”. (BOSI, 2012, p.418).

Com uma literatura engajada, denúncia de opressão, miséria/problema social, os autores foram tomando partido, envolvendo a participação do partido comunista, adentrando à política brasileira, escrevendo obras panfletárias. Em cada obra ou em cada autor vai se achar um tipo, um marginal, que vai aparecer em cada região brasileira para refletir sobre quem é o “cara” que trabalha neste lugar, quem é o explorado, o que passa pela opressão, o caboclo, o sertanejo, o que trabalha no campo rural.

Ainda nos anos 30 a sociedade brasileira foi analisada através de estudos, teses, ensaios que se tornaram marcantes para a reflexão sobre o país. Destacamos os sociólogos Gilberto Freire quando, em 1933, lançou suas obras relevantes, como *Casa Grande e Senzala*, e Sérgio Buarque de Holanda, com *Raízes do Brasil* (1936). Surgiram, então José Américo de Almeida, considerado o precursor, que escreveu o primeiro romance em 30, e trouxe a denúncia da seca, a visão do sertanejo, a exposição das oligarquias, entre outras temáticas sociais, como se observa em sua principal obra, *A Bagaceira*.

Rachel de Queiroz trouxe para a narrativa os efeitos da seca no sertanejo, no mundo patriarcal, na perspectiva feminina, na consciência. *O Quinze* é considerada sua obra principal. José Lins do Rego escreveu sobre o ciclo da cana-de-açúcar, a relação entre engenho X usina, e o cangaço em suas obras, entre as quais a principal é *Fogo Morto*. Graciliano Ramos caracterizando a miséria, a seca, as injustiças sociais, faz a análise psicológica do retirante/sertanejo, em *Vidas Secas*, por exemplo. Já Érico Veríssimo produziu narrativas urbanas, sobre a classe média na outra ponta do país, faz também análise política em sua obra considerada como principal, *O Tempo e o Vento*.

Jorge Amado, por sua vez, apresenta características em seus romances que costumam ser agrupadas nos ciclos do cacau, rural popular, coronelismo, sensualidade, humor e que variavam de acordo com as fases de sua vida e experiências, adquiridas em várias viagens, incluindo os exílios. Segundo Alfredo Bosi (2006), percebem-se cinco fases na escrita de Amado:

a) um primeiro momento de águas-fortes da vida baiana, rural e citadina (*Cacau, Suor*) que lhe deram a fórmula do “romance proletário”; b) depoimentos líricos, isto é, sentimentais, espalhados em torno de rixas e amores marinheiros (*Jubiabá, Mar morto, Capitães da Areia*); c) um grupo de escritos de pregação partidária (*O Cavaleiro da Esperança, O Mundo da Paz*); d) alguns grandes afrescos da região do cacau, certamente suas invenções mais felizes, que animam de tom épico as lutas entre coronéis e exportadores (*Terras do Sem-Fim, São Jorge dos Ilhéus*); e) mais recentemente, crônicas amaneiradas de costumes provincianos (*Gabriela, Cravo e Canela, Dona Flor e Seus Dois Maridos*). Nessa linha, formam uma obra à parte, menos pelo espírito que pela inflexão acadêmica do estilo, as novelas reunidas em *Os Velhos Marinheiros*. Na última fase abandonam-se os esquemas de literatura ideológica que nortearam os romances de 30 e de 40; e tudo se dissolve no pitoresco, no saboroso, no apimentado do regional. (BOSI, 2006, p.434).

Assim, observa-se que a produção de 1930 se caracteriza por essa atenção ao desviante, pois conta a história de personagens e de acontecimentos que para a sociedade da época não merecia tanta atenção. As fases de Jorge Amado também acentuam essas preocupações em sua escrita.

1.3 – DESVIOS E CRIMES NA TEORIA DO SOCIÓLOGO ANTHONY GIDDENS

Considerando nosso recorte temático, é necessário destacar, no romance de Jorge Amado, *Capitães da Areia*, a temática dos “desvios e crimes na infância e adolescência”, na literatura amadiana, usando a escrita do sociólogo Anthony Giddens (2008).

Giddens (2008), nos diz que nós, como sociedade, sabemos ou pensamos quem são os indivíduos desviantes. Pessoas que não obedecem às regras impostas pelas autoridades que regem a maioria. Seus comportamentos inaceitáveis para um viver que a sociedade considera normal, destaca-os como criminosos violentos, jovens ou adultos que se drogam e que são marginais. Giddens também alerta para que pensemos e observemos que nem sempre os fatos acontecem dentro desse pensamento da sociedade, uma vez que, para a Sociologia, há uma certa dificuldade para se definir o que seja indivíduo desviante, pois não há uma relação direta entre crime e desvio. (GIDDENS, 2008).

Da mesma forma, em relação aos adultos e às crianças, diversas causas que crescem dentro de uma organização social são psicologicamente, patologicamente, economicamente, sociologicamente ou familiarmente ligadas ao conceito de “crime e desvio”.

Desvio e crime não são sinônimos, embora muitas vezes se sobreponham. O âmbito do conceito de desvio é muito mais vasto do que o do conceito de crime, que se refere apenas à conduta inconformista que viola uma lei. Muitas formas de comportamento desviante não são sancionadas pela lei. (GIDDENS, 2008, p.205).

A família e a sociedade, unidas à desigualdade sócio econômica, podem ser apontadas como causas que geram sentimentos de incapacidade do indivíduo de se organizar em suas expectativas pessoais, apresentando-as agressivamente. A pobreza não pode ser considerada como fator determinante da adesão de um jovem à criminalidade, mas a insuficiência de políticas públicas destinadas à juventude reforça o quadro de desigualdade social que marca a vida das pessoas nos aglomerados urbanos. O jovem, ou qualquer ser humano, pode, sim, não seguir as

normas impostas pela sociedade. Ou por desconhecer as regras ou por optar mesmo por sua adesão, chegando à criminalidade.

O art.18 da Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, é claro quando diz que o jovem desviante, ou seja, que não se alinha às leis, às ordens de autoridades, pode encontrar na sua exclusão pela sociedade, na desassistência familiar e não acesso à uma vida saudável e à escolaridade o motivo para a prática de seus desvios e crimes:

Art, 18. É dever de todos velar pela desigualdade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los. (BRASIL, 2014)

Observando a situação atual dos menores infratores, na aplicação de seus desvios para com a sociedade, nos deparamos com uma situação diferenciada da que existia anteriormente, quando através da Constituição Federal de 1988 lhes foi concedida a condição de inimputáveis, ou seja: incapazes de discernir seus atos, mas que cometem infração penal sem, no entanto, não ser possível aplicar penas aos mesmos.

Quando foi criado, em 1990, através da nova Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) previa vários direitos que a essa camada de classe social lhes eram concedidos. No entanto, os desvios praticados por menores, no Brasil, chegam a ultrapassar um desajuste de personalidade que o ECA não consegue atender no que diz respeito ao seu artigo 18. Às vezes eles agem como desviantes adultos em seus crimes e, por muitas vezes, incidem nos seus atos infracionais. É prevista a internação. Há um pedido de socorro por parte da sociedade diante desses infratores cada vez mais perigosos, audazes, preocupada com este comportamento desviante, mas que não atenta para as suas possíveis razões. Há a impressão de que a aplicação das normas socioeducativas, previstas no ECA, já não atende a seu objetivo.

Em *Capitães da Areia* o narrador vê na relação rua e marginalização uma estratégia para denunciar como se comporta a sociedade dominadora frente às

classes menos privilegiadas como o pobre, os menores abandonados, o negro, os oprimidos. Ele mostra esses capitães da areia em sua própria realidade, face ao comportamento dos componentes do grupo frente à criminalidade e à marginalização.

Considerando que para Giddens (2008), o desvio comportamental é definido como um conjunto de normas que não são cumpridas ou aceitas por algumas pessoas, numa sociedade ou comunidade, para ele, não há uma divisão de condutas entre aqueles que aceitam e os que não se enquadram nas suas normas. O autor observa que existe a transgressão na maioria dos seres humanos, que se apresentam ocasionalmente em seus preceitos comportamentais e que recebem a aprovação da sociedade. O que Giddens afirma é que todos nós, em algum tempo, já cometemos atos pequenos de roubo, como, numa loja, pegar alguma coisa sem pagar, ultrapassar o limite de velocidade quando dirigimos, ter passado algum trote ou ter usado algum tipo de drogas proibidas. Ele admite, também, que desvio e crime não têm, exatamente, o mesmo sentido. (GIDDENS, 2008).

A existência do desvio e do crime pode trazer à realidade uma outra perspectiva ou uma outra maneira de destacar os “desvios e crimes” que se apresentam em vários momentos na obra *Capitães da Areia*. Os capitães são rotulados por conseguirem uma união, uma interação entre eles, em seus desvios e crimes, e aqueles que não praticam tais delinquências. Vale salientar que as pessoas da lei e da ordem é que constituem os rótulos, convencionando-os a uma moralidade, comparando-os a outras pessoas.

[...] De um modo geral, as regras que definem o desvio e os contextos em que são aplicadas são estabelecidas pelos ricos para os pobres, pelos homens para as mulheres, pelos mais velhos para os mais novos e pela maioria étnica para as minorias. Muitas crianças, por exemplo, envolvem-se em certas atividades, como correr nos jardins de outras pessoas, partir vidros das janelas, roubar fruta ou andar na vadiagem. Nos bairros abastados, estas atitudes podem ser consideradas pelos pais, professores ou pela polícia como aspectos relativamente inocentes do processo de crescimento. Em contrapartida, em bairros pobres as mesmas podem ser vistas como prova de tendências para a delinquência juvenil. Uma vez rotulada como delinquente, a criança é estigmatizada como criminosa e é provável que seja considerada como indigna de confiança pelos professores e possíveis patrões. Nos dois casos referidos os atos são os mesmos, mas são associados a significados diferentes. (GIDDENS, 2008, p. 212).

Quando o desvio e o crime, a delinquência, são praticados por pessoas que sofrem preconceitos, que não se enquadram em uma sociedade que usufruam das regalias do poder econômico, que são iletrados, porque não tiveram a oportunidade de frequentar os bancos de uma escola e quando são classificados integrantes de uma parte que vive em situação de extrema pobreza ou não fazem parte do grupo dominante, como o pobre, o negro, a mulher etc., logo são enquadrados nas notícias policiais e sobre eles pesa a carga das leis mais duras, mais claras.

Os atos desviantes da delinquência estão associados a comportamentos antissociais e às perturbações do comportamento, quando acontece, geralmente, violação às leis ou às normas sociais por pessoas à margem da sociedade. São muitos os motivos pelos quais acontecem esses atos a que estamos nos referindo neste trabalho. São fatores como emocionais, emotivos, psicológicos e tantos outros, mas o comportamento das crianças, jovens e adolescentes, personagens ficticiais na obra de Amado, *Capitães da Areia*, assim como os reais dos nossos dias, são resultados de fatores relacionados à desagregação familiar, a não oportunidade de frequentar uma escola, descaso das autoridades governamentais.

Abandonados ou filhos de pais, muitas vezes separados, sem uma rede de apoio familiar, sem emprego, sem estudo, que vivem à mercê de favores e que sobrevivem, muitos deles, à custa de um salário que não lhe permite sustentar a família com dignidade. É comum encontrarmos crianças e adolescentes pedindo esmolas na rua, sozinhas ou acompanhadas dos pais, ou só da mãe, incentivados pela precariedade, e a importância dessa estrutura para a criança é reiterada pelo ECA (BRASIL, 2014).

Quanto a isso, vale lembrar que se não receberem apoio da sociedade com o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para esse problema social, essas crianças marginalizadas serão transformadas em jovens e adultos marginalizados, ou seja, “A marginalização é tida como funcional ao sistema e integra a sua estrutura interna; a marginalidade estrutural comporta uma modalidade de exclusão tanto do sistema social quanto da divisão de classes”. (CALIMAN, 2008, p.114).

O trabalho e as competências culturais, técnicas e profissionais úteis à inserção no mercado de trabalho tornam-se essenciais ao cidadão para a aquisição da renda, para a participação na sociedade; e a falta dessas competências provoca a sua exclusão social. (CALIMAN, 2008).

Outro fato interessante que observamos também na discriminação ou na separação de classes sociais, dentro dessa mesma sociedade que “desvia” o olhar para o indivíduo desviante, é a dificuldade ou a impossibilidade de trabalho, que tem esse mesmo desviante, e a não oportunidade de se tornar um profissionalizante em alguma área que lhe possa proporcionar um salário digno para o seu sustento e de sua família, ou, no caso das crianças, jovens e adolescentes, poder comprar, pelo menos, uma roupa, um calçado ou material escolar.

CAPÍTULO 2 - CAPITÃES DA AREIA E SEUS DESVIOS E CRIMES

A literatura precisa estar conectada no contexto social em que está inserida. Em *Capitães da Areia* Jorge Amado retrata a realidade brasileira trazendo à tona elementos da raiz cultural e social do país. Nesse sentido, Alfredo Bossi pontua:

O problema das origens da nossa literatura não pode formular-se em termos de Europa, onde foi a maturação das grandes nações modernas que condicionou toda a história cultural, mas nos mesmos termos das outras literaturas americanas, isto é, a partir da afirmação de um *complexo colonial* de vida e de pensamento. (BOSI, 2012, p. 11)

Fernando Pessoa (1982), poeta português afirma que “A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida”. Segundo Antonio Candido (1989, p.158), o que caracteriza a literatura brasileira, que se consolida como sistema na década de 30, é:

[...] a superação do otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorria na ficção naturalista. Enquanto este focalizava o homem pobre como elemento refratário ao progresso, eles desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual.

Nessa perspectiva, pretendemos analisar como o romance *Capitães da Areia* nos faz refletir sobre os jovens que consideramos delinquentes. Como a história desses jovens se confundem com a nossa realidade, com a realidade da nossa juventude contemporânea.

A obra literária entrelaça o escritor, o público e a sociedade, quando transmite emoções, sentimentos, assumindo uma perspectiva crítica de denúncia social. A literatura ensina, educa, modifica os conhecimentos e faz, tanto o escritor como o leitor, viajarem por mundos antes inatingíveis.

Capitães da Areia é um romance que nos apresenta vários momentos conflitantes, protagonizados pelas personagens. O tema da infância roubada, crianças que viviam à margem da sociedade, cujos problemas que apresentavam não eram resolvidos por essa mesma sociedade, foi evidenciado tanto em *Capitães da Areia* como em *Jubiabá*.

Existe também, na obra *Capitães da Areia* a relação com o épico que ocorre neste romance. Ou seja, é o gênero narrativo ou de ficção que estrutura essa história, e o épico se faz presente, advindo das epopeias, que eram as narrativas heroicas em versos, mas que, na era moderna, manifesta-se sobretudo em prosa. A epopeia é considerada uma manifestação literária onde existe um narrador que conta a história passada de terceiros. Jorge Amado, narra, em *Capitães da Areia* as aventuras, as ações de um jovem herói, chamado Pedro Bala trazendo, através de seus desvios, os feitos dele e de sua gangue. Por esta razão, quando falamos em gênero épico pensamos nos capitães da areia. O épico também é um relato que traz componentes como personagens, dimensão espacial, temporalidade e ação.

As cartas e as reportagens que se apresentam no início da história reforçam um composto de gêneros presente neste romance, essa mistura é uma característica do modernismo. Em *Capitães da Areia* elas, as cartas e as reportagens, conferem verossimilhança, nos fazem imaginar realmente a existência de Pedro Bala e seus companheiros. A imaginação de que tudo é real é o que nos leva a refletir na existência dos meninos de rua. O leitor, através desse artifício, quando entra em contato com o gênero híbrido cartas/reportagem, trazido pelo autor, se torna um personagem participante. Isso diferencia este romance de outras obras escritas no período sem essa modernidade.

Assim, esse artifício de inserir sete cartas de diferentes remetentes, sobre o mesmo assunto – os capitães da areia e o reformatório - endereçadas à redação do fictício Jornal da Tarde, que servem como pano de fundo para discutir as ações do bando na cidade de Salvador, leva-nos para os dizeres de Bakhtin (1993), denominados como introdução e organização do plurilinguismo no romance:

O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais (...). E é graças a este plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orquestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance. Cada um deles admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogizadas em maior ou menor grau) (BAKHTIN, 1993, p. 74 – 75).

O contexto literário de Jorge Amado, no romance *Capitães da Areia*, é composto, como já caracterizamos no capítulo anterior, na fase inicial no momento

em que ele militava no Partido Comunista destacando a sua crítica contrária às ações capitalistas. Denominado por Duarte (1996) como “romance proletário”, em seu círculo romanesco, que conclui uma fase de sua produção: “com a história de Pedro Bala, fecha-se um desses movimentos, o do ciclo proletário da Cidade da Bahia”. (DUARTE, 1996). Sobre os romances proletários, nos diz Rossi (2009):

Suas raízes remetem à Literatura e ao Partido Comunista soviéticos que, após a revolução de 1917, começou a definir uma série de diretrizes acerca do papel e da função dos escritores na formação do novo homem comunista, bem como na vitória da causa proletária ao redor do mundo. Um romance essencialmente político, utilitário e protagonizado por personagens que expressassem coletividades: uma espécie de contraponto aos elementos considerados pelos comunistas como típicos da literatura burguesa, a exemplo do individualismo, o psicologismo e a fórmula mais geral da arte pela arte. (ROSSI, 2009, p.25).

Amado inseriu na sua obra, *Capitães da Areia*, uma argumentação sobre o nacionalismo e o regionalismo. Ele sempre participou, se interessou por questões sociais, haja vista a sua escolha temática no enredo desse romance. A importância de suas narrativas é a representatividade dessas situações transfiguradas para a narrativa. Um escritor que se reconhece, junto à crítica literária, como um contador de história.

Para Raillard (1990, p. 200), Amado reconhecia-se assim: “[...] um contador de histórias, o autor é um contador de histórias: acho que os romancistas o são, mais do que qualquer outra coisa”. Ele afirma, também: “[...] mas no fundo o romance é uma história contada. E quanto mais bem contada, melhor será o romance, seja qual for a história. O romance é uma história que se conta”.

A percepção sobre Amado como contador de história nos salta aos olhos quando lemos seus romances. Em conformidade com a observação de Raillard (1990), ele nos coloca na movimentação de suas histórias. Ele nos mostra a sua experiência, repassa um pouco do que foi a sua formação, a sua vivência ou conhecimento de como viveram alguns de seus personagens. Através da sua escrita compreendemos a sua intenção em nos fazer compreender o que ele está dizendo, o que ele está sentindo. Comentando sobre a relação de Jorge Amado com o popular, Benjamin (1985, p.205) nos diz o seguinte:

Jorge Amado narra a realidade, aproximando a história da literatura, como um escritor, definido por ele mesmo, como contador de história, pois a história contada é literatura. Dentro dessa literatura podemos destacar uma

literatura de expressão de nostalgias, carências, tentando recuperar o passado, no imaginário.

As informações que nos transmitem essa literatura contada permitem que a nossa imaginação se envolva habilmente numa perspectiva de compreensão sobre os sentimentos transmitidos. Há uma passagem, ou uma troca, um intercâmbio do narrador para com a nossa realidade.

Em *Capitães da Areia* (1937), Jorge Amado se utiliza da metonímia, ou seja, a figura de linguagem que ocorre para que uma parte possa representar o todo. O texto apresenta uma linguagem simples e o seu foco narrativo é na terceira pessoa.

Percebe-se também o sincretismo religioso como elemento importante que se destaca na narrativa. A presença da religião é muito forte entre os personagens. Há, de certa maneira, lugar para a liberdade de culto presente no sincretismo religioso do capoeirista Querido-de-Deus, da mãe de santo Don'Aninha, o catolicismo de padre José Pedro. Obviamente, reconhecemos que a igreja caminhava mais ao lado dos ricos. Ou seja, nessa organização social ela fazia a sua opção pelos ricos. Os pobres não tinham esse privilégio. Eram ignorados, colocados em um outro patamar, mais abaixo da classe dos mais abastados.

Entretanto, encontramos, no romance algumas passagens que fazem referência ao modo como que os capitães expressavam a sua fé. O padre José Pedro, por exemplo, se interessava pelos meninos abandonados. Trabalhou por cinco anos como operário, e por causa de uma promessa do patrão entrou para o seminário. Fora algumas vezes discriminado no próprio seminário por pertencer à uma classe social considerada baixa, mas, sua crença se mostra como sincera. Assim, por este motivo, resolveu ajudar os meninos de rua, confortando-os espiritualmente.

No capítulo “Deus sorri como um negrinho”, o padre José Pedro diz a Pirulito, que era o único que tinha vocação religiosa:

[...] que toda aquela beleza que caía envolvendo a terra e os homens era um presente de Deus e que era preciso agradecer a Deus. Pirulito mirou o céu azul onde Deus devia estar e agradeceu num sorriso e pensou que Deus era realmente bom. E pensando em Deus pensou também nos Capitães da Areia. [...] João Grande acreditava era em Xangô, em Omolu, nos deuses dos negros que vieram da África. O Querido-de-Deus, que era um pescador valente e um capoeirista sem igual, também acreditava neles, misturava-os com os santos dos brancos que tinham vindo da Europa. (AMADO, 1986, p. 97)

O catolicismo era a religião oficial da cidade de Salvador (BA). Era a religião dos “poderosos” enquanto que a de origem africana era seguida pelos pobres. Contudo, não havia muita diferença na prática dessas religiões. Apenas a religião dos negros, dos pobres, era considerada como se fosse uma religião marginalizada. Era uma forma diferente dos personagens escolherem a sua própria religião sem, no entanto, se desfazer da outra. Era uma mistura de doutrinas religiosas como o catolicismo, praticado pelo padre José Pedro, depois seguindo por Pirulito, enquanto João Grande, Querido-de-Deus, o Professor, seguiam a umbanda, o espiritualismo. Pedro Bala não se definia entre Deus e os deuses. Apenas aceitava a opção de cada um. Respeitava o padre José Pedro e ao mesmo tempo era amigo e recebia conselhos e ajuda de Don’Aninha. O único que não tinha esperança nem fé em nada, era Sem Pernas.

O tempo nos é apresentado com um pedaço na vida dos meninos, da infância à maturidade. Porém, temos a oportunidade de conhecermos as suas histórias quando adolescentes. No romance de Amado pode ser classificado como cronológico pois ele acontece naturalmente, ordenando os fatos no enredo do começo para o seu final, como exemplificamos no fragmento “É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem quinze anos. Há dez que vagabundeia nas ruas da Bahia (AMADO, 1986, p. 26). Mas o tempo passa rápido em *Capitães a Areia*. Por isso o acompanhamos como se fosse em um grande quadro circular: “Passou o inverno, passou o verão, veio outro inverno, e este foi cheio de longas chuvas, o vento não deixou de correr uma só noite no areal” (AMADO, 1986, p.199).

Segundo Osman Lins, em *Espaço romanesco e ambientação*, “Sendo a narrativa na terceira pessoa, acentua-se a ambientação franca, quando o observador, violando a objetividade, reage de algum modo ante a coisa descrita [...]” (LINS, 1976, p.80). É o que acontece quando apresenta o Trapiche (hoje Solar do Unhão e o Museu de Arte Moderna), “Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem” (AMADO, 1986, p. 25), um dos principais espaços; o Terreiro de Jesus onde antes era um local de destaque comercial de Salvador, o Corredor da Vitória, área nobre de Salvador e, naturalmente, nas ruas e vielas da cidade de Salvador são os demais espaços em que se desenrola a narrativa.

É importante citarmos, também, a funcionalidade do espaço quando se trata da divisão social: os ricos moram na cidade alta, e os pobres na cidade baixa o que se entende como uma distinção das classes sociais. Poderíamos citar os espaços físicos como igrejas, reformatório, cadeia, orfanato, mansões, barracos etc. No caso de *Capitães da Areia* há de maneira geral um ambiente o qual tem como uma de suas funções estar em conflito com os personagens, lugar onde constantemente há um choque do ambiente burguês e preconceituoso com os heróis da história. Pedro Bala era um desses heróis. Já com quinze anos de idade, comandava o grupo como um líder dos *Capitães da Areia*. Justo, verdadeiro, e tinha uma sensibilidade muito grande aos problemas dos outros. Ao se integrar ao grupo conheceu Raimundo, o Caboclo mulato avermelhado e forte.

[...] Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe. Um dia brigaram. A desgraça de Raimundo foi puxar uma navalha e cortar o rosto de Pedro, um talho que ficou para o resto da vida. Os outros se meteram e como Pedro estava desarmado deram razão a ele e ficaram esperando a revanche, que não tardou. Uma noite, quando Raimundo quis surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional a que as areias do cais jamais assistiram. Raimundo era mais alto e mais velho. Porém Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa e desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia, como o próprio areal. Engalou tempos depois num navio. [...] Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi dessa época que a cidade começou a ouvir falar dos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. (AMADO, 1986, p. 26 -27).

Certa noite, Bala, no silêncio da madrugada, no trapiche, ouviu um pequeno barulho. Como chefe cuidadoso que ele era com os seus companheiros, não admitia desvios entre eles mesmos, principalmente a pederastia, um desvio brutal, pois é a prática sexual entre um homem e um rapaz mais jovem e o furto. Desconfiou que algo estava errado, que alguém estava praticando um desvio. Como chefe dos capitães não tolerava esses dois desvios no meio deles. Eram atos que sempre resultavam em castigo, na expulsão de quem os praticasse no meio dos capitães. Neste episódio o fato aconteceu entre negrinho Barandão e Almiro, de doze anos de idade, gordo e preguiçoso.

[...] acordou com um ruído perto de si. Dormia de bruços e olhou por baixo dos braços. Viu que um menino se levantava e se aproximava cautelosamente do canto do Pirulito. Pedro Bala, no meio do sono em que estava, pensou, a princípio, que se tratasse de um caso de pederastia. E ficou atento para expulsar o passivo do grupo, pois uma das leis do grupo

era que não admitiriam pederastas passivos. Mas acordou completamente e logo recordou que era impossível, pois Pirulito não era dessas coisas. Devia se tratar de furto. Realmente o garoto já abria o baú de Pirulito. Pedro Bala se atirou em cima dele. A luta foi rápida. Pirulito acordou, mas os demais dormiam.

- Tu tá roubando um companheiro?

O outro ficou calado, coçando o queixo ferido. Pedro Bala continuou

- Amanhã tu vai embora... Não quero mais tu com a gente, Vai ficar com a gente de Ezequiel, que vive roubando uns dos outros. (AMA DO, 1986, P. 43)

Outro fato conflitante aconteceu com Boa-Vida e o Gato, integrantes do grupo de Pedro Bala, após mais um dia de atividades. Haviam regressado das ruas de Salvador. Uma grande paz reinava sobre o trapiche. Algumas crianças, jovens, vencidos pelo cansaço, já se encontravam deitados, alguns dormindo.

Boa-Vida mostrou o Gato a Pedro e levou-o depois para o lugar onde dormia.

- Tenho aqui um lençol. Dá para nós dois.

O Gato deitou. Boa-Vida se estendeu ao lado. Quando pensou que o outro estava dormindo o abraçou com a mão e com a outra começou a puxar-lhe as calças devagarinho. Num minuto o Gato estava de pé:

- Tu te enganou, mulato. Eu sou é homem. (AMADO, 1986, p 38).

Como já comentado anteriormente, esse desvio era inaceitável pelo resto dos capitães, principalmente por Pedro Bala. *Capitães da Areia* é uma obra que se utiliza da verossimilhança, ou seja, semelhante à vida, a realidade. E é a lógica interna do enredo que o torna verdadeiro para o leitor. A obra é dividida em três partes:

A primeira parte: “Sob a lua, num velho trapiche abandonado”, conta com onze capítulos, ou onze subpartes. Caracteriza meninos e meninas, já no final do capítulo intitulado “O trapiche”, apresentando, assim, os *Capitães da Areia*: “Vestidos de farrapos, sujos, semi esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas”. (AMADO, 1986, P. 27). A segunda parte: “Noite da grande paz, da grande paz dos teus olhos”, com oito capítulos ou oito subpartes, é dedicada, quase na sua totalidade, ao amor de Bala à figura de Dora. A partir da sua chegada ao trapiche e o entrosamento dificultoso com o grupo. Após esse entrosamento, ela se torna mãe, irmã, amiga e esposa.

Na terceira parte: “Canção da Bahia, Canção da Liberdade”, com oito capítulos ou oito subpartes, é traçado o destino de cada capitão da areia. É quando

começa a desintegração do grupo. O suicídio de Sem-Pernas, a partida de Professor para a cidade do Rio de Janeiro, Gato enfim, se torna um malandro, abandona a amante Dalva. A ordenação de Pirulito como frade capuchinho, Volta Seca transforma-se em cangaceiro, vai viver com o bando de Lampião e mata 60 soldados antes de ser preso e condenado. João Grande vira marinheiro, Querido-de-Deus continua sua vida de capoeirista e malandro e Pedro Bala finalmente segue o caminho do comunismo, transformando-se em um líder revolucionário.

2.1 – INTEGRANTES DOS CAPITÃES DA AREIA

O narrador do romance vê o menor abandonado como integrante de um grupo de oprimidos que sofre todo o tipo de constrangimento social, destinado à marginalização especializada e organizada. O número de menores de rua em Salvador era enorme. Eram considerados como bando, em proliferação da marginalidade.

Esse bando, que vive da rapina, se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que, naturalmente, devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregam ao verdor dos anos a uma vida criminosa [...]. (AMADO, 1986, p. 10).

Os principais integrantes desse grupo, capitaneados por Bala, eram todos praticantes de crimes e desvios, como Sem-Pernas, um deficiente físico que tinha uma perna coxa. Nunca tivera família. Morou por um tempo na casa de um padeiro, o “padrinho”, como o chamava. Apanhava quase todos os dias. Fora preso por policiais bêbados, que o humilharam fazendo-o correr em volta de uma mesa, na delegacia, ficando exausto até cair ao chão. Isto ele não esquecia. Ficara como um sinal psicológico. Tinha ódio de tudo e de todos. Seu fim foi se jogar de um pequeno muro que ficava junto ao grande Elevador Lacerda, fugindo da polícia. Gato era o galã dos capitães da areia. Bom jogador de baralho, andava bem vestido. Mas, o seu dote era conseguir dinheiro como cafetão de uma prostituta de nome Dalva. João José era o Professor. Intelectual que começara a gostar de livros após um roubo que fez de vários deles. Ajuda Pedro Bala nos conselhos e planejamento dos assaltos. E, por causa do dom na pintura, seu destino foi ir morar no Rio de Janeiro, onde obteve sucesso.

Pirulito era um garoto magro, alto, meio amarelado, pouco sorria, considerado o mais cruel de todos. Se chamava Antônio. Um dia conheceu o padre José Pedro, de quem herdou ensinamentos que o levaram à sua conversão para o sacerdócio. Tinha uma curiosidade: sempre rezava e professava a sua fé em Deus ou antes ou depois de “alguns roubos necessários”. Boa-Vida, como o próprio nome o discrimina, era um indolente e sossegado. Contentava-se em ficar com algumas mulheres que não mais interessavam ao Gato. João Grande era um negro respeitado. Corajoso e de grande estatura, musculoso. Contava apenas treze anos de idade, tinha um cabelo crespo e baixo e ajudava e protegia os mais novos. Volta Seca era outra figura interessante. Mulato, sertanejo de alpargatas, imitava os pássaros como ninguém e tinha um grande ódio pelas autoridades. Era admirador de Lampião, o cangaceiro, a quem chamava de padrinho.

Dora fora encontrada com seu irmão Zé Fuinha, pelo Professor e João Grande. Teve sérios problemas ao chegar ao trapiche, pois alguns garotos queriam violentá-la. Protegida por João Grande, foi aceita pelo grupo, onde tornou-se a mãe de que todos careciam. Depois, num romance quase que inocente, porém abrasador, ficou sendo a “noiva” de Pedro Bala. Morreu em consequência de uma forte febre, transformando-se numa espécie de santa para os meninos e uma estrela para Bala. Fazia parte também do bando Almiro, um menino de doze anos de idade, gordo e preguiçoso, que morreu de bexiga.

Outros personagens eram como auxiliares ou admiradores do bando como o padre José Pedro. Levava conforto espiritual aos meninos. Querido-de-Deus, que era pescador e grande capoeirista da Bahia, respeitava o grupo de Pedro Bala e era admirado por todos. Ensinava a sua arte a alguns deles. E tinha, também, uma prostituta de nome Dalva. Com seus trinta e cinco anos, mostrava um corpo forte e rosto sensual. Era desejada por Gato, do qual tornou-se amante. Um estivador negro de nome João de Adão, forte e antigo grevista, também é reconhecido como amigo da turma e foi através dele que Bala ficou sabendo a respeito de seu pai. Os meninos eram sempre socorridos por Don’Aninha, quando adoeciam.

Nesse romance há também homossexuais no bando, como Barandão e Almiro, que tinham uma relação homo afetiva, e Boa-Vida, que tentava, a todo custo, conquistar o Gato. O sexo marca presença, sem ser romântico, mas como uma forma de descobrir-se instintivamente e de modo desregrado. Cedo conheciam os seus mistérios. Porém, esse conhecimento se igualava na sua violência tanto quanto

a vida que viviam. Buscavam matar o desejo como, por exemplo, o Gato que se entrosava com as prostitutas. Segundo Gancho (2002),

Bichos, homens ou coisas, os personagens se definem no enredo pelo que fazem ou dizem, e pelo julgamento que fazem dele o narrador e os outros personagens. De acordo com estas diretrizes podemos identificar-lhes os caracteres ou características, estejam eles condensados em trechos descritos ou dispersos na história. (GANCHO, 2002, p.14).

Amado já nos leva a perceber quem são as personagens desde o início, quando lemos o que nos diz as reportagens dos jornais locais quando publicam em uma de suas manchetes: “ A cidade infestada por crianças que vivem do furto” (AMADO, 1986, p.10). “Crianças infestadas”, como se fossem bichos, ratos.

Já por várias vezes o nosso jornal que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos “Capitães da Areia”, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. (AMADO, 1986, p. 10)

As cartas também já evidenciam fatos que nos dizem quem são os protagonistas, quando enviadas ao jornal, sendo as duas primeiras a do Secretário do Chefe de Polícia onde cita “bando de crianças delinquentes” e responsabilizando o Juiz de Menores pelos atos criminosos dos Capitães da Areia e do Juiz de Menores devolvendo a responsabilidade para Secretário do Chefe de Polícia. (AMADO, pg. 14 – 15). A carta da mulher que fala sobre os horrores que acontecem dentro do reformatório, a do padre José Pedro, amigo dos garotos injustiçados, e que confirma o que diz a mulher sobre o reformatório e a última carta que é do Diretor do Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados, negando as acusações. (AMADO, p. 15 a 20).

Em *A personagem da Ficção*, (1976), Antônio Cândido escrevendo sobre *A personagem do romance*, nos diz que:

[...] Em nossos dias, Forster retomou a distinção de modo sugestivo e mais amplo, falando pitorescamente “em personagens planas” (*flat characters*) e “personagens esféricas” (*round characters*). “As personagens eram chamadas temperamentos (*humours*) no século XVII, e são por vezes chamadas tipos, por vezes caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídas em torno de única ideia ou qualidade; quando há mais de um fator neles, temos o começo de uma curva em direção à esfera. Tais personagens “são facilmente reconhecíveis sempre que surgem”; “são, em

seguida facilmente lembradas pelo leitor. Permanecem inalteradas no espírito porque não mudam com as circunstâncias”. As “personagens esféricas” não são claramente definidas por Forster, mas concluímos que as suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender (CANDIDO, 1976, p. 59)

Encontramos dois tipos de personagens no romance *Capitães da Areia*: como personagens planas, Volta Seca e Gato, pois eles têm uma característica onde predomina a malandragem e o ódio, e que têm suas ações iguais do início ao fim do romance. E personagens esféricas, ou redondas, temos por exemplo Pedro Bala e Pirulito. São personagens que se aprofundam em uma nova visão do mundo, surpreendendo o leitor.

Os personagens narrados em *Capitães da Areia* formam um grupo heterogêneo, trazendo a identidade de cada um, mostrando que não há divisão de personagem principal e coadjuvantes. O coletivo é o protagonista, apesar do destaque dado a Pedro Bala. Todos exercem uma personalidade característica individual, de acordo com o que representam no enredo.

Pedro Bala é considerado o chefe, o líder por se destacar um pouco mais sobre os outros. É ele quem estabelece a tarefa de cada um. Ao conhecer Dora torna-se seu namorado. Nesse personagem, Amado estabeleceu um protagonista, fisicamente de cor branca. Essa característica viria a ser entendida quando Bala, resolvido a resgatar um santo, uma estátua, levada de um candomblé, o de Don’Aninha, pela polícia, ele tem êxito na sua empreitada ao provocar sua prisão para adentrar à sala onde estava confiscado o artefato religioso, levando-a de volta à mãe-de-santo.

Ele era conhecido como o chefe dos meninos de rua, que tinha uma cicatriz no rosto mas, para os policiais, não era aquele que eles estavam procurando para efetuar sua prisão pois o imaginavam da cor negra e de uma estatura maior. É preciso comentar aqui sobre essa relação explícita de racismo, considerar que o menor delinquente, infrator seria sempre negro. O narrador usa dessas características de cor para personalizar e indicar as separações que a sociedade faz de quem realmente realiza os atos infracionais entre as personagens, reforçando o estigma da cor ligado à marginalização, ao desvio e ao crime, como afirma GIDDENS (2008).

Dora, a única mulher do grupo, fragilizada, triste, revoltada nos treze anos de idade, por ter perdido os pais para a varíola, aproxima-se desses meninos, principalmente de Bala, que havia perdido seu pai, vitimado com um balaço na cabeça, pelos policiais, durante uma greve.

João Grande sempre apoiava Pedro Bala, o que faz com que receba uma atenção um pouco melhor. Não por causa da sua estatura ou da sua força, mas por causa da sua fidelidade para com Bala.

Como uma pessoa inteligente, culto, intelectual, João José, o Professor ajuda Pedro Bala no planejamento de seus desvios, mais diretamente os assaltos. Frequentou por apenas um ano e meio a escola, aprendendo a ler, mesmo em curto período de estudo escolar, o que o ajudava a interpretar melhor as histórias contadas por marinheiros. Por isso sabia contar histórias muito bem. Os outros capitães o respeitavam por causa da sua cultura. Seus cabelos caíam sobre os seus olhos míopes.

Sem-Pernas, por ter um problema em uma das pernas, ser um coxo, considerado como deficiente físico, também tem uma grande importância nas ações do grupo pois é utilizado como isca, quando engana as famílias escolhidas para serem assaltadas. A impressão que ele passa para quem o conhece ao chegar nas casas é que é um menino inofensivo, carente. Sofre muito nas mãos dos policiais, quando o prendem, sendo humilhado de várias maneiras como ficar correndo ao redor de uma mesa, na delegacia, e cair exausto, sem forças, ao chão da sala do delegado. “Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora”. (AMADO, 1986, p. 34). Tem muita raiva de polícia e o seu psicológico é atingido por causa dessas torturas. Inclusive chega a ter raiva também dos próprios companheiros. Quando chegava algum novato para fazer parte da turma de Pedro Bala, Sem-Pernas já não o recebia com “bons olhos”. Colocava logo um apelido baseado em gesto, ou uma frase do recém-chegado. Era um dos que mais brigavam, considerado malvado.

Uma vez fez tremendas crueldades com um gato que entrara no trapiche. E um dia cortara de navalha um garçom de restaurante para furtar apenas um frango assado. Um dia em que teve um abscesso na perna o rasgou friamente a canivete e na vista de todos o espremeu rindo”. (AMADO, 1986, p. 33).

A característica de um outro personagem conhecido por Gato, é de um menino de boa aparência, bonito, simpático para com as mulheres e usa isso para tirar dinheiro delas. Tem um caso com uma prostituta de nome Dalva, de que se torna cafetão. Ganha dinheiro também com os assaltos, junto ao grupo, e no jogo onde demonstra ser um ótimo jogador.

Outro personagem interessante é Pirulito. Quando na sua apresentação no enredo dá a impressão de ser um garoto nervoso, agressivo. Com esta característica demonstra ser um dos piores dos “capitães”. Mas, no decorrer do tempo, por causa da sua amizade com o padre José Pedro, desperta nele o interesse pela religião. Então, mediante essa conduta, ele passa a roubar somente o que é preciso para a sua sobrevivência. O padre José Pedro, por causa da sua simplicidade, da sua aproximação com esses meninos e por não ter a pretensão de sobressair-se no meio de seus colegas padres é discriminado e passa a acompanhá-los, dando-lhes conforto espiritual, ajudando-os, ouvindo-os. Foi o mentor da ida de Pirulito para o seminário católico.

O Boa-Vida, também integrante desse grupo de meninos abandonados, é mais tranquilo. Só rouba o que lhe é necessário para sobreviver. Sua característica é não fazer amizade com ninguém.

São características individuais que, através delas, conseguimos distinguir essas pessoas como integrantes de uma sociedade separada por causa de uma política discriminatória. Seus atos desviantes e criminosos são ecos de tudo o que lhes foi negado para que tivessem um convívio “normal”, integrados à sociedade que os separavam de suas normas com direitos e deveres.

Jorge Amado, caracterizando seus personagens, usa a personificação física ou psicológica de cada um, com seus defeitos e qualidades, dando-lhes apelidos como a Pedro Bala por que seu pai morreu com um tiro disparado por policiais e essa bala torna-se o elo de suas ações com o pai. João Grande, devido à altura; o Sem-Pernas, pelo defeito físico pois era coxo; o Professor por sua cultura, aprendera a ler; o Gato por ser ágil; o Boa Vida, por ser preguiçoso e malandro. Com exceção do Querido-de-Deus, os outros tinham nomes próprios, nomes comuns como José, João, Pedro, Dalva.

O comportamento dos capitães da areia é visto como se fossem adultos, mostram suas atitudes responsáveis na forma de buscar seu sustento, apesar de não agirem corretamente, de acordo com a lei. E seus desvios aparecem

nitidamente quando usam de bebidas alcoólicas, fumam cigarros, criam desafios e duelos com pessoas comuns na rua e até mesmo com policiais, aplicando-lhes navalhadas, golpes de canivete (exatamente as armas que usavam), e tinham uma vida sexual considerada ativa e até crimes de estupro eram praticados por eles. Antonio Candido, em seu ensaio *A dialética da malandragem*, (1970), escreveu que o

[...] endurecimento do grupo e do indivíduo” que “confere a ambos grande força de identidade e resistência [...]. [...] No Brasil nunca os grupos ou indivíduos encontraram efetivamente tais formas; nunca tiveram a obsessão da ordem senão como princípio abstrato, nem da liberdade senão como capricho. [...] a sociedade brasileira se abriu com maior largueza à penetração dos grupos dominados ou estranhos. E ganhou em flexibilidade o que perdeu em inteireza e coerência[...]. (CANDIDO, 1970, p.50-51)

Entre os polos da ordem e da desordem apresenta-se a criação da sociedade brasileira. Entra a figura do malandro com seu gingado e discurso, tirando vantagem nas mais diversas situações. Enfim, Candido nos quer dizer que o malandro quer “ser finalmente absorvido pelo polo convencionalmente positivo”. Amado, então, neste contexto, nos mostra o personagem Gato, típico malandro: “Tinha o dom da elegância malandra, que está mais no jeito de andar, de colocar o chapéu e dar um laço despreocupado na gravata que na roupa propriamente”. (AMADO, 1986, p. 39).

Assim como o país, talvez a roupa não estivesse tão boa, o que não o incomodava, fazendo uma analogia àqueles que pertenciam ao grupo dominante e que queriam esquecer o desânimo social e que se voltavam à violência da vida diária. No dia em que Pedro Bala fugiu [...] em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. E, apesar de que lá fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abria para Pedro Bala, fugitivo da polícia [...]”. (AMADO, 198, p.231). Fugiu e se tornou um revolucionário patriota.

Jorge Amado nos mostra a questão social, nesse seu romance, quando seus personagens são apresentados em mundo sócio cultural onde ele coloca, como protagonista, um personagem da cor branca, Pedro Bala, querendo dar mais nitidez quanto à questão racial. A sua convivência com os adeptos do candomblé é o que o faz tornar-se um militante das causas proletárias, surgindo como herói que “vivendo nas ruas toda espécie de adversidade e humilhação, encontra nas lutas sociais e na greve o caminho para a revolta coerente e responsável”. (ROSSI, 2004, p.189). Bala vai tomando uma posição na sua transformação ao fazer a escolha entre as duas

maneiras de encarar a cor branca e a negra, representadas na pessoa do padre José Pedro e de Don'Aninha, pela qual faz a sua opção. Agora, mais envolvido com a mãe-de-santo, da qual tornara-se amigo, passa a ter conhecimento da luta que ela e seus “negros” enfrentam diariamente com as forças policiais e o preconceito. Então, quando acontece o roubo da estátua de um orixá

[...] Pedro Bala sentiu uma onda dentro de si. Os pobres não tinham nada. O padre José Pedro dizia que os pobres um dia iriam para o reino dos céus, onde Deus seria igual para todos. Mas a razão jovem de Pedro Bala não achava justiça naquilo. No reino dos céus seriam iguais. Mas já tinham sido desiguais na terra, a balança pendia sempre para um lado. (AMADO, 1986, p. 87).

Quando Pedro Bala faz a sua opção pela luta dos negros, está mostrando a situação inaceitável da desigualdade racial e opressão dos pobres. A deformidade que se apresenta na cor de Bala ao inseri-lo na empreitada que assume pelos negros, não só do candomblé, mas também dos estivadores do cais, onde a raça negra era predominante. Ele apresenta esse mesmo efeito na personagem Dora, como nos diz Rossi (2004, p. 191): [...] Sua condição de menina branca e loira acaba por se desfazer quase que completamente na medida em que passa a residir no trapiche com os meninos, sofrendo a experiência da orfandade em um “surto de bexiga” na cidade. [...] (ROSSI, 2004, p. 191).

Importante anotar quando Dora, simbolicamente “mulata sertaneja”, se incorpora como “um menino” e passa a participar dos seus desvios e crimes, antes exclusividade apenas dos homens. Então, acontece a sua transformação na questão do seu modo de se vestir, trocando o vestido por calças. É a partir desse momento, segundo Rossi “que Dora passa a compartilhar dos valores e a ter o domínio das habilidades através das quais Jorge Amado imprimiu aos *Capitães da Areia* o sentido da aventura, liberdade, heroicidade.” (ROSSI, 2004, p, 193).

O romance mostra, assim, o abandono da infância de um grupo de crianças, no qual se misturam órfãos, fujões, desligados dos pais, nos orfanatos e a prática de horrores para com esses menores. Crianças brancas e negras, cabelo liso ou encaracolado, dentre elas se destaca Pedro Bala. Em *Capitães da Areia*, Pedro Bala é um rapaz decidido nas suas opiniões, comandante do conhecido grupo formado por crianças, jovens e adolescentes, assaltantes e ladrões, respeitado por todos e temido pela população de Salvador.

Uma notícia, certo dia, dizia que a residência de um comerciante muito rico fora assaltada. Isso resultou numa perseguição desenfreada aos “capitães” do grupo de Pedro Bala. Começa, então, uma série de denúncias que terminam sempre na condenação desses adolescentes, trocam-se “farpas” entre o chefe de polícia e o juiz de menores, um deixando para o outro a solução do problema que se desencadeou na perseguição aos adolescentes e crianças. Uma mulher narra em que situação ficou seu filho, num reformatório, falando sobre os horrores praticados contra os menores infratores. Há ainda a negativa do diretor desse reformatório. E na história desse romance se descobre muito mais sobre esses acontecimentos. Através da imprensa local, tenta-se dar destaque às atividades “criminosas” dessas crianças, jovens e adolescentes, capitães da areia, por vezes querendo fazer entender que são verdadeiras as acusações e, em outras, fazendo-se sensacionalismo com as matérias.

Reportagem publicada no “Jornal da Tarde”, na página de “Fatos Policiais”, com um clichê da casa do Comendador e um deste no momento em que era condecorado: As aventuras sinistras dos ‘Capitães da Areia’ – A cidade infestada por crianças que vivem do furto – urge uma providência do Juiz de Menores e do Chefe de Polícia – Ontem houve mais um assalto. (AMADO, 1986, 63ªed. P. 10 e 13).

Outros fatos importantes que apontamos como desvios dos capitães, apresentamos no seguinte mapeamento da categoria: em anúncios no “Jornal da Tarde”, na página de “Fatos Policiais”: “Crianças ladronas. As aventuras sinistras dos “Capitães da Areia”. A cidade infestada por crianças que vivem do furto. Urge uma providência do Juiz de Menores e do Chefe de Polícia. Ontem houve mais um assalto”. (1986, p.10). Como se o narrador quisesse colocar em primeiro plano essas ações delinquentes da prática do roubo e assalto às residências da cidade de Salvador. Trata-se de uma entrada para que o leitor já perceba o porquê de o grupo se esconder da polícia e das pessoas que tentam levá-lo às autoridades policiais, em um lugar chamado “trapiche”. É neste local que eles se reúnem para planejar um novo roubo. Na delegacia:

“[...] Numa batida num candomblé (que se bem não fosse o seu, porque nenhum polícia se aventurava a dar uma batida no candomblé de Aninha, estava sob a sua proteção) a polícia tinha carregado com Ogum que repousava no seu altar [...]. (1986, p.86). [...] Deixa estar, mãe Don’Aninha, que amanhã te trago Ogum [...].(AMADO,1986, p. 87).

Neste capítulo, a mãe de santo Don'Aninha pede aos garotos que resgatem a imagem de seu santo, Ogum, que tinha sido levado pelos guardas para a delegacia. Pedro Bala pensa num plano e, disfarçado de menino abandonado pelo pai, tenta passar a noite na delegacia. É impedido por um guarda. Pratica, então, um roubo a uma carteira, pertencente a um casal, na frente de um guarda, propositadamente, para ser preso. O plano dá certo. Entra na delegacia e no outro dia é liberado, mas, sem ninguém perceber, rouba o santo.

Don'Aninha tinha, entre os seus muitos amigos, além dos capitães da areia, negros e pobres da Bahia. Era uma amiga que sabia ouvi-los e que os tratava com amor maternal, sempre com uma palavra amiga, curava doenças e arranjava amantes a quem a procurava para tal “serviço”. Ao comunicar aos meninos sobre o roubo do santo disse com uma voz aflita: “Não deixam os pobres viver... Não deixam nem os deuses dos pobres em paz. Pobre não pode dançar, não pode cantar para seu deus, não pode pedir uma graça a seu deus [...]”. (AMADO, 1986, p.87).

Pedro Bala meditou nas palavras da mãe-de-santo. Os pobres não tinham nada ou não tinha direito a nada. E ele não achava justo que se tirassem do pobre o que ele já não tinha. O lamento daquela mulher que “[...] era magra e alta, um tipo aristocrático de negra” , [...] enchiam a noite da Bahia e o coração de Pedro Bala [...]” Por isso, ao deixar Don'Aninha em seu terreiro, Bala prometeu: “Deixa estar, mãe Don'Aninha, que amanhã te traio Ogum”. (AMADO, 1986, p. 87).

Já na residência de dona Ester:

[...] Dona Ester o beijou na face onde as lágrimas corriam: - Não chore, que sua mãezinha fica triste.
E enquanto a abraçava e se deixava beijar, soluçava porque a ia abandonar e, mais que isso, a ia roubar [...] (AMADO, 1986, p.113).

Um membro do grupo, Sem-Pernas, convence uma senhora a trabalhar em sua casa. Porém, combinado com os outros, após ganhar confiança da mesma, localiza os objetos de valor, fazendo com que os outros entrem na residência e pratiquem o assalto, levando tudo o que podiam. No dia anterior à chegada dele naquela residência, já haviam sondado o ambiente e visto todo o “ourame” que era guardado na sala. Pedro Bala havia comentado: “É trabalho primeiro pro Sem-Pernas.” (AMADO, 1986, p.104).

Sem-Pernas era o escolhido e o ideal para entrar nas residências sem causar suspeitas pois, por causa do seu defeito físico, demonstrava ser um menino sofrido e como um pedinte tocava o coração dos proprietários.

No Reformatório:

Uma menina no grupo – A sua história – Recolhida a um orfanato – o chefe dos “Capitães da Areia” é filho de um grevista – Os outros conseguem fugir – “O Reformatório o endireitará”, nos afirma o Diretor. (AMADO, 1986, p.168).

Por causa da tentativa de um assalto, alguns meninos do grupo são presos. Entre eles: Pedro Bala, Dora, João Grande, Sem-Pernas e Gato. Os três últimos conseguem fugir, mas, Dora é levada para um Orfanato e Bala para um Reformatório.

Quando esses meninos eram pegos em seus delitos ou crimes, praticando-os em qualquer lugar da cidade de Salvador, eram levados para o Reformatório Baiano de Menores Abandonados e Delinquentes, visto, pela sociedade, como um lugar, um estabelecimento exemplar para a criança em processo de regeneração, com direito a trabalho, comida e lazer.

Na verdade, o Reformatório era um antro de crueldades. Ambiente hostil, com funcionários hostis que vibravam quando alguém era levado para lá e que ficasse aos cuidados deles. Era um dos espaços mais cruéis. Era comparado ao inferno. “Castigos... Castigos... É a palavra que Pedro Bala mais ouve no Reformatório. Por qualquer coisa são espancados, por um nada são castigados. O ódio se acumula dentro de todos eles”. (AMADO, 1986, p. 181). O diretor desse Reformatório, quando na prisão de Pedro Bala, respondendo a uma pergunta de um jornalista, falou: “Ele se regenerará. Veja o título da casa que dirijo: “Reformatório”. Ele se reformará”. (AMADO, 1986, p. 171).

Há ainda o episódio na casa da família rica. A informação de Gato de que havia uma solteirona cheia do dinheiro, joias que guardava por muito anos, resultado de uma herança que recebera juntamente com a casa, chamou a atenção dos capitães. Já começaram a planejar o assalto e imaginar quanto receberiam em dinheiro, de Gonzales, o dono da casa de penhor “O 14”. Os meninos tinham conhecimento de como e para quem vender essas joias ou quaisquer objetos de valor que conseguiam através do roubo. Pedro Bala, mediante a informação de

Gato, perguntou ao Sem-Pernas: “Tu és capaz de penetrar? – Se sou.... - Depois a gente invade”. (AMADO, 1986, p. 203).

Usando a mesma estratégia de “pobre órfão e aleijado”, Sem-Pernas bateu na porta e esperou a solteirona abrir a porta. A partir de então, conheceu a criada, uma negra velha e a patroa, a solteirona endinheirada, vitalina, uma mulher branca que se chamava Joana. Ao passar das horas, com a empregada já dormindo, as luzes apagadas, a vitalina procura por Sem-Pernas. Ela tem sede de amor, de uma migalha de amor. E ele que fora sempre infeliz com as mulheres a queria possuir por inteiro, mas ela não queria, não deixava. Só em cima. “Quando conseguia uma negrinha no areal, era com ajuda dos outros, era à força”. (AMADO, 1986, p. 205). Pegar as negrinhas à força era um dos piores desvios crimes praticados pelos *Capitães da Areia*, e Sem-Pernas, mesmo querendo permanecer naquela casa onde tivera os momentos de amor com Joana, precisava colocar seu plano para funcionar pois os outros meninos já demonstravam impaciência com a demora dele dar os segredos da casa. “[...] Já sabe qual a chave que abre a sala onde Joana guarda seus objetos de ouro. Sabe como tirar a chave para levá-la aos Capitães da Areia”. (AMADO, 1986, p.205). E no dia seguinte a mais uma noite de amor, arribou com a chave. E esse foi um dos últimos desvios dos *Capitães da Areia*, a última canção de vitalina.

O que mais dá ênfase à essa narrativa é exatamente o desprezo, o menosprezo demonstrado socialmente aos integrantes desse grupo que, sob a lua, num velho trapiche dormiam e até mesmo aos adultos que compartilhavam de uma defesa como é o caso do padre José Pedro e do capoeirista Querido-de-Deus.

CAPÍTULO 3 – OS CAPITÃES DE ONTEM E HOJE EM JORGE AMADO E CACO BARCELOS

Pedro Bala era o líder dos meninos de rua que cometiam delitos, desvios e crimes pelas ruas da cidade de Salvador. Era diferente dos demais capitães devido à sua cor clara, cabelos loiros encaracolados, inteligente, desenvolto nas suas atividades desviantes como no roubo, na violenta maneira de “derrubar” negrinhas nas areias da praia, sempre pronto a defender os mais fracos, mais humildes, romântico, haja vista o seu carinho por Dora, a única menina do grupo que um dia fora sua mulher, amigo de quem merecia sua amizade. Mas era também violento quando se fazia necessário. Uma noite, quando Raimundo surrava Barandão, comprou a briga. Rolaram pela areia e ele venceu a luta. O erro de Raimundo foi puxar uma navalha e cortar o rosto de Bala. Nesse dia Raimundo não só deixou a chefia do grupo como também foi expulso do trapiche. Pedro Bala também sofreu as violências que a vida proporcionou para os desarmados diante de um delegado terrorista, de uma polícia sarcástica que sorria quando maltratava algum membro dos capitães. A morte de seu pai, de Sem-Pernas e de Dora também foram uma espécie de violência na sua vida.

Ingressou no mundo das crianças abandonadas não por opção, mas por precisão. Sem apoio familiar, pois não conhecera sua mãe e seu pai fora morto com um balaço quando participava de uma greve operária. Como tantos outros encontrou na amizade que cativara entre os “capitães”, um porto seguro para a sua sobrevivência, participando de atos que os faziam se desviarem do correto caminho de uma criança normal. Vejamos o perfil de Pedro Bala:

É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem quinze anos. Há dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pai morrerá de um balaço. E ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade. Hoje sabe de todas as ruas e de todos os seus becos. Não há venda, quitanda, botequim que ele não conheça. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cais recém-construído atraiu para as suas areias todas as crianças abandonadas da cidade) o chefe era Raimundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte. (AMADO, 1986, p. 26).

Pedro Bala e sua turma sofrem desde o início o desamparo, a não presença de uma imagem materna, ou de alguém que os ajudassem a ter uma vida melhor,

sem apoio da sociedade, de políticas públicas que resolvessem seus problemas sociais, transformando-as em crianças marginalizadas.

A opressão não afeta apenas os mestiços e os negros, afeta o pobre. Pedro Bala tem “cabelos loiros, ou dourados”, o que num estado em que a população é majoritariamente negra, nos dá a impressão de símbolo branco de um herdeiro, uma espécie de coroa que, nessa lógica de valorização do padrão branco, confirma a sua liderança sobre os capitães da areia, lhe dá lugar de destaque. Era uma espécie de pai para os meninos. Inteligente, sagaz, sabia ser bruto para com as “negrinhas”, mas ao mesmo tempo era amoroso, como foi com Dora. Era o mais corajoso e capacitado para liderar os capitães. Por ter começado cedo na vida desviante, conhecia todos os caminhos da criminalidade que aconteciam nas ruas de Salvador.

Pedro tinha quatro anos quando ficou órfão de pai. Sua mãe era uma moça rica que fugiu para se casar com Loiro. Ela morreu quando Pedro tinha apenas seis meses de idade. Através do estivador João de Adão, Bala toma conhecimento sobre a liderança de seu pai, como grevista que, por isso, foi morto. A partir de então, ele passa a conhecer as ideias comunistas e percebe que, conseqüentemente, a greve era a arma utilizada pelos trabalhadores.

Buscando um avanço social, em favor dos mais pobres, foi um marco percebido pelo escritor José Louzeiro na obra de Jorge Amado que assim se expressou: “A par da audácia literária que, não sendo estilística, era social, Jorge Amado tornou-se , entre nós, o escritor sem medo. Heroicamente, atravessou a Ditadura Vargas, durante o Estado Novo, e pode e deve ser mencionado como o Pai do Romance Proletário Brasileiro”. (LOUZEIRO in PALAMARTCHUK, 2013, p.23), Nesta narrativa as personagens nos levam a reconhecer essa audácia na literatura de Jorge Amado, visto que “A literatura proletária se propõe incentivar a revolução dos oprimidos. O romance proletário deve inspirar o sentimento de revolta e de luta. Fazer do leitor um inimigo da outra classe. Comover não basta. É preciso revoltar” (RUFINONI, P. 250).

A motivação política de Pedro Bala e dos Capitães da Areia se deu a partir do momento em que João de Adão, um estivador e o estudante Alberto, estiveram no trapiche para dizer a Bala que a greve dos operários dos bondes não podia ser furada e se os grevistas fizessem piquete, impedindo aqueles que queriam trabalhar, seria um motivo bem plausível para que acontecesse a intervenção policial, o que resultaria no desmanche do caráter pacífico e disciplinado de como estava

acontecendo a greve, o que prejudicaria o motivo do movimento grevista quanto à obtenção do aumento salarial reivindicado. Seria necessário usar da violência para impedir que não fossem colocados os bondes em movimento. Então, Alberto, o estudante, transformou *Capitães da Areia* em um grupo ativista de esquerda. Pedro Bala tornou-se agente da revolução socialista. Assim, ele, Bala, o Professor e Pirulito deixaram de existir tipicamente como capitães da areia e foram, cada um à sua maneira, lutar por uma sociedade mais igualitária. Suas ações deixam de ser apenas a delinquência e passam para a transformação política da sociedade.

No capítulo denominado “Docas” Pedro Bala estava sentado em um caixote, observando alguns estivadores se dirigindo para o grande armazém. João Grande se levantou e disse que o seu pai fora um deles e que morrera por defesa deles. Só neste momento é que Bala ficou sabendo quem era o pai.

Talvez ali mesmo, onde ele se sentava, tivesse caído o sangue de seu pai. [...] Por baixo daquele asfalto devia estar o sangue que corra do corpo de seu pai. Por isso, no dia em que quisesse, teria um lugar nas docas, entre aqueles homens, o lugar que fora de seu pai. E teria também que carregar fardos...[...] (AMADO, 1986, p. 77).

Pedro Bala nunca conheceu Loiro seu pai, nem sua mãe. Loiro era estivador e liderara uma greve no porto, quando foi assassinado por policiais. Numa briga com Raimundo, o primeiro chefe do bando, caboclo mulato avermelhado, Bala teve o seu rosto cortado por uma navalha. Defendido pelos demais, por estar desarmado, enfrentou Raimundo quando este batia em Barandão, um dos negrinhos mais jovens do grupo.

O pai de Pedro Bala morrera nas docas, lutando nas greves pela liberdade dos doqueiros. É uma imagem que supre a ausência para o líder dos capitães da areia, abandonado em favor da luta pela liberdade de um povo. (MAGALHÃES, p.10).

3.1 – PEDRO BALA – DE DELINQUENTE A MILITANTE PROLETÁRIO

Pedro Bala e os capitães da areia viveram assim, num mundo de crimes e desvios. Um dia, foi lida por milhares de baianos, na cidade de Salvador, uma manchete que dizia que o casal de “noivos” havia sido preso. Na polícia tentaram

ouvir Bala, mas ele nada respondia às perguntas do Delegado e do Diretor do Reformatório de Menores. Esse reformatório já tinha sido criticado nas páginas de um jornal local sobre “calúnias” imputadas a este estabelecimento. [...] E o Diretor, aproveitando a presença do Delegado, de jornalistas, dos policiais disse, sorrindo: “Ele se regenerará. Veja o título da casa que dirijo: ‘Reformatório’. Ele se reformará”. Ao prenderem Pedro Bala, juntamente com Dora, a recolheram ao Orfanato Nossa Senhora da Piedade e ele ao Reformatório de Menores. (AMADO, 1986, p. 168). Segundo GIDDENS (2008, p. 241), “As sanções, formais e informais, são aplicadas pela sociedade para reforçar as normas sociais. As leis são normas definidas e impostas pelo governo”. Mas, essas leis não são aplicadas pelo Diretor do Reformatório. A sua lei é particular, é dele para quem ele deseja que seja aplicada, mas, diga-se de passagem, fora das normas legais. Ainda comentando Giddens, “as prisões foram desenvolvidas em parte para proteger a sociedade, em parte com o intuito de “reabilitar” os criminosos””. (GIDDENS, 2008, p.243).

As perguntas começaram após a saída dos jornalistas. “Onde é que vocês dormem? ”. Pedro Bala respondia: “Se tá pensando que vou dizer... Pode esperar deitado”. (AMADO, 1986, p.171). A tortura começou. Bala foi chicoteado, chutado na cara, gritava de dor, mas não dizia uma palavra, até desmaiar. Passaram-se dias e dias. Tratado com água e feijão, sua única alimentação. Até que o chefe dos capitães consegue fugir do Reformatório. Após a morte de Dora, resultado da febre forte que pegara no Orfanato, Pedro Bala deixou o trapiche. Por causa da situação em que passa o país, de dúvidas, intranquilidade, comunismo, violência, a existência de reformatório e orfanato era tida como um “apaziguamento” das causas violentas, desviantes praticadas por homens e mulheres, crianças, jovens e adolescentes. E essa violência era uma constante na vida de Pedro Bala desde que ingressou pelos caminhos de seus desvios e crimes.

O pai de Pedro Bala foi morto por um policial. Isto o endereçou à vida de crime tornando-se o chefe dos *Capitães da Areia*. Como o Gato, ingressou na vida sexual muito cedo. O machismo, o despreparo cultural, sem educação cooperaram para isso. Porém, o amor, através de Dora, talvez o tornou uma pessoa um pouco mais adulta, se assim podemos dizer, o que o fez chegar ao final de sua história como um militante proletário, o “camarada” Pedro Bala. O proletariado era uma classe contrária à classe capitalista. Proletário é aquele que não tinha nenhum meio de vida, exceto sua força de trabalho, suas aptidões.

Bala era perseguido pela polícia de Salvador, pois a reclamação dos moradores e as notícias dos jornais locais denunciavam seus crimes. No entanto, a própria polícia praticava atos que não eram condizentes com os postos de autoridades constituídas para manter a ordem e praticar a justiça para todos. Pedro Bala foi um dos que, em certa feita quando foi preso, sofreu horrores nas mãos dos policiais quando o levaram para uma sala. Disse o Diretor do Reformatório: “Agora os jornalistas já foram, moleque. Tu agora vai dizer o que sabe, queira ou não queira”. (AMADO, 1986, p.171)

E a tortura começa: “ Agora davam-lhe de todos os lados. Chibatadas, socos e pontapés. O diretor do Reformatório levantou-se, sentou-lhe o pé. Pedro Bala caiu do outro lado a sala. Nem se levantou. Os soldados vibraram os chicotes”. (AMADO, P. 172).

Para a sociedade, para o Diretor, para os policiais essa seção de torturas não era crime. E eles estavam ali para cumprir ordens, mas cumpri-las dentro da lei. São questões que colocamos nas nossas meditações. Será que as prisões reformam as pessoas, os desviantes? (GIDDENS, 2008) O papel dessas instituições seria e é dar condições para que o indivíduo que comente crimes, roubos, assaltos tenha uma oportunidade de voltar à sociedade à qual pertencia.

Existem aqueles que não se adaptam mais às regras sociais e que se tornam realmente perigosos dando margem para que sejam julgados e punidos com penas maiores, ou seja, que fiquem por mais tempo na cela de uma delegacia ou de um presídio. Todos nós, seres humanos, temos pensamentos desiguais. Contudo, temos que ter a sensibilidade, a consciência de que não podemos deixar de cumprir as normas estabelecidas pelas autoridades sob pena de infligirmos as leis, resultando em uma punição judicial estabelecida por essas próprias leis.

Pedro construíra uma história que comovia, mas que não agradava também, por parte da sociedade. A mesma sociedade que não lhe deu a devida atenção. Era uma criança de cinco anos de idade que estava nas ruelas, nas praças de Salvador e que dormia em um trapiche, sem teto, sem conforto, sem condição nenhuma a que teria por direito de uma vida melhor, normal, por ser uma criança exatamente abandonada.

Bala participou, acompanhou a vida, o destino de cada um de seus companheiros. O seu romantismo fez de Dora, após uma noite de amor e logo em seguida sua morte, virar uma estrela.

[...] Mas nunca se viu um caso de uma mulher, por mais valente que fosse, virar estrela depois de morta”. [...] Só Pedro Bala não a procurava no trapiche. Procurava ver, no céu de tanta estrela, uma que tivesse longa e loira cabeleira. (AMADO, 1986, P. 192).

Viu João José, o Professor, ir embora para o Rio de Janeiro, estudar com um pintor. [...] “Dr. Dantas, aquele da piteira, escreveu a ele, mandou uns desenhos meus” (AMADO, 1986, p.196). O tempo passou e levou Pirulito para ser o irmão Francisco da Sagrada Família, um capuchinho que ensinava catecismo. Boa-Vida transformou-se em um verdadeiro malandro, tocador de violão e “armador de fuzuês”, na cidade de Salvador. Bala também presenciou a mudança do Gato. Já não “era mais um menino, era o mais jovem dos vigaristas da Bahia”. (AMADO, 1986, p.208). Volta Seca encontrou seu “padrim”, Capitão Virgulino, Lampião que, segundo Volta Seca, era o Zumbi dos Palmares. “E Lampião luta, mata, deflora e furta pela liberdade. Pela liberdade e pela justiça para os homens explorados do sertão imenso de cinco Estados: Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Bahia”. (AMADO, 1986, P. 211).

Naturalmente que Pedro Bala sentiu a morte de Sem-Pernas. Este, perseguido, mais uma vez, por policiais resolve dar fim à sua própria vida, lançando-se das alturas do Elevador Lacerda. “A praça toda fica em suspenso por um momento. “Se jogou”, diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha qual um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio. O cachorro late entre as grades do muro”. (AMADO, 1986, P. 215).

Certa noite, Bala ouvindo o vento murmurar canções, procurou Dora no meio das estrelas do céu. E ele só viu que ela virara uma estrela porque se atirou na água para segui-la, quando a levaram para jogar seu corpo no mar. Não é mais um tempo dos Capitães da Areia. Agora a greve é dos condutores de bonde: “Negros fortes, mulatos risonhos, espanhóis e portugueses, que vieram de terras distantes”. (p.222). Pedro Bala sente então vontade de entrar na greve. Seu pai fazia discursos na greve.

A revolução chama Pedro Bala. “Companheiros, vamos pra luta...” “[...]De punhos levantados, as crianças saúdam Pedro Bala, que parte para mudar o destino de outras crianças”. (AMADO, 1986, p.230). Tornou-se um “companheiro” do sindicato, um grevista, um revolucionário.

Anos depois os jornais de classe, pequenos jornais, dos quais vários não tinham existência legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornais

que circulavam nas fábricas, passados de mão em mão, e que eram lidos à luz de fífós, publicavam sempre notícias sobre um militante proletário, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela polícia de cinco Estados como organizador de greves, como dirigente de partidos ilegais, como perigoso inimigo da ordem estabelecida. No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais (únicas bocas que ainda falavam) clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia. E, no dia em que ele fugiu, em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. E, apesar de que lá fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abriria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família. (AMADO, 1986, p. 231).

Pedro Bala tinha consciência da sua classe quanto à sua caminhada como chefe dos capitães da areia. Torna-se amigo de Alberto quando na greve dos condutores de bonde.

O estudante fazia planos sobre os Capitães da Areia. Agora Pedro Bala acordava todos e explicava o que tinham que fazer. O estudante estava entusiasmado com as palavras do moleque. Quando terminou de explicar, Bala resumiu tudo nestas palavras: A greve é a festa dos pobres. Os pobres é tudo companheiro, companheiro da gente. (AMADO, 1986, p. 225).

Considerando os preceitos políticos e sociais de Jorge Amado, como filiado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro) a obra *Capitães da Areia* cria o herói do povo como a marca da luta dos oprimidos pelo sistema. É mais “política e coletiva do que propriamente individual: é toda uma classe que se levanta e luta pelos direitos mínimos de cidadania”. (DUARTE, 1995, p. 116).

Ao assumir uma nova empreitada como comandante de uma brigada de choque formada pelos Capitães da Areia, Bala e seus companheiros têm o destino mudado. Agora “intervém em comícios, em greves, em lutas obreiras. O destino deles é outro. A luta mudou seus destinos”. (AMADO, 1986, p.229).

Finalmente uma pátria e uma família. O que buscou por tantos anos Pedro Bala encontrou com os Índios Maloqueiros de Aracaju, organizada por ele “em uma brigada de choque”. Passou, então, a mudar o destino e outras crianças abandonadas. Na sua despedida dos capitães do trapiche,

[...]os punhos dos *Capitães da Areia* se levantam fechados. “Bala! Bala! – gritam numa despedida. Os gritos enchem a noite, calam a voz do negro que canta no mar, estremece o céu de estrelas e o coração de Pedro. Punhos fechados de crianças que se levantam. Bocas que gritam se despedindo do chefe: “Bala!” “Bala!”
Barandão está na frente de todos. Ele agora é o chefe. Pedro Bala parece ver Volta Seca, Sem-Pernas, Gato, Professor, Pirulito, Boa-Vida, João

Grande e Dora, todos ao mesmo tempo entre eles. Agora o destino mudou. A voz do negro no mar canta o samba de Boa- Vida: “*Companheiros, vamos pra luta...*” (AMADO, 1986, pp 229-230)

O crime e o desvio são resultados de uma separação, de um afastamento das normas, das regras estruturadas, feitas para serem cumpridas, desde que as condições lhes sejam favoráveis para o seu cumprimento, por toda a sociedade onde se incluem homens, mulheres, crianças, jovens e adolescentes. Quando há uma quebra desses direitos igualitários, surgem os comportamentos desviantes em uma sociedade onde essas pessoas não se enquadram. Giddens nos informa, através das suas teorias funcionalistas, exatamente o porquê da existência dos desviantes:

As teorias funcionalistas veem o crime e o desvio como o resultado de tensões estruturais e da ausência de regulação moral no seio da sociedade. Se as aspirações dos indivíduos e dos grupos sociais não coincidirem com as recompensas disponíveis, esta disparidade entre os desejos e a sua realização far-se-á sentir nas motivações desviantes de alguns dos membros desta mesma sociedade. (GIDDENS, 2008, p.209)

Os “capitães” eram motivados, mesmo contrariando as suas vontades, a formarem essa sociedade desviante. Eles sentiam a ausência de tudo aquilo que lhes poderia proporcionar uma vida melhor, que não fosse preciso viverem e sobreviverem em trapiches, em ruelas, em becos.

Pedro Bala e os delinquentes da areia, do asfalto, do morro, da favela, talvez não fazem da revolução uma pátria, mas muitas vezes encontram guarida na pátria daqueles que confiam neles.

Mesmo sendo o crime uma parte do comportamento desviante, será improvável construirmos uma teoria que resuma todos os tipos de conduta criminosa. Há diversidades nos conceitos daqueles crimes e desvios, inclusos na delinquência, que, naturalmente, são consequências do poder e da desigualdade social. Esses crimes podem ser direcionados às causas de uma sociedade desorganizada que rotula esses atos desviantes de acordo com a sua nomenclatura. (GIDDENS, 2008).

3.2 – OS CAPITÃES DE ONTEM E DE HOJE: ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

A violência urbana nos preocupa. Preocupa a população adulta, às crianças, jovens e adolescentes. É parte muito presente de nosso cotidiano e dialoga de maneira marcante com o texto literário de Jorge Amado, escrito há muitas décadas de distância. Assim, é crucial para esta análise fazer o movimento de reflexão sobre o texto literário e a nossa realidade hoje, tomando como ponto de partida a definição para a violência.

A violência se personifica de diversas formas e pode ser caracterizada igualmente: violência contra a mulher, violência moral, violência sexual, violência contra a criança e o idoso, entre outras. Cabe salientar que essas diversas formas de violência podem ser observadas em vários espaços, sendo o meio urbano o mais propício para o desencadear destes atos. Destarte, todo esse conjunto de violências pode ser inserido no âmbito da violência urbana. (GOMES, 2016, s/p)

Ao analisarmos os *Capitães da Areia* podemos observar que a violência praticada pelos mesmos se devia às necessidades de sobreviver num caótico mundo onde acontecimentos políticos se desenrolavam sem que atingissem suas necessidades primordiais. Sem família, sem apoio do governo voltado para a criação de um Estado Novo como a Nova Constituição, a Carta Outorgada de 1937, ficavam à regalia das atenções governamentais. Sem emprego nem escola, sofrendo a perseguição policial, resultado de seus atos não aceitáveis pela sociedade como assaltos, arrombamentos, assassinatos, estupros, mas que encontravam pessoas dispostas a ajudá-los.

Individualmente eles tinham a educação encontrada nas ruas. O mundo os ensinava a lei da sobrevivência, mas tinham um entendimento da cultura e da religião locais. Uns católicos, outros umbandistas e encontravam tanto na figura do padre José Pedro como na da Mãe de Santo Aninha uma afetividade de um relacionamento tranquilo. Nem o clero e nem as autoridades os confrontavam, salvo quando alguma autoridade ou personalidade famosa era alvo de seus atos. É importante destacar que eles eram sempre culpados pela mídia da época.

Na crista da marginalidade desenfreada encontramos, atualmente, em pleno mundo de comunicações modernas, uma gama de eventos criminosos praticados

por jovens e adolescentes, que assustam não só a população do nosso país como a sociedade globalizada. Os “Capitães do Asfalto”. O que queremos dizer sobre esses “capitães” é que são os delinquentes, desviantes que descem do morro para o asfalto para praticarem seus desvios ou simplesmente para se divertirem, ter um momento de lazer junto à sociedade que se diversifica no lazer das praias, mas que, para a polícia, descem apenas para cometer seus atos criminais.

São considerados, pelo fato de descerem do morro, vir das favelas, invasores de um espaço que, por direito, pertenceria a eles também. São constrangidos, muitas vezes, somente pela cor, para deixar bem claro que ali não é lugar para eles. Não se diferenciam muito da turma de Pedro Bala. Mas, a prática de suas atrocidades cada vez nos estarrece pela maneira de como vem se desenrolando seus crimes, geralmente praticados contra a sociedade. São facções criminosas que invadem as favelas e até mesmo os bairros mais pobres das grandes cidades.

Porém, após a leitura de um romance como *Capitães da Areia*, há que se considerar que isto tudo é resultado da displicência que nós, como sociedade constituída, juntamente com as autoridades competentes ao caso, evitamos de discutir, de estudar uma maneira, uma forma de conter a violência praticada, principalmente quando envolve menores. Sabemos que leis existem, como o ECA, que prevê, no seu Art. 1º a proteção integral à criança e ao adolescente, e no seu art. 7º onde diz: “A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”, e que se aplicadas corretamente, evitariam ou até mesmo dariam um fim à prática desses desvios comportamentais.

O descaso social se evidencia na história dos capitães da areia e se repete hoje. E esse descaso resultou na busca desses meninos por uma sobrevivência no meio da prática de seus desvios: roubos, assaltos e até mesmo crimes. Um dos crimes que chama bastante atenção no enredo desse romance é o estupro, o que é evidenciado, atualmente, em todos os meios de comunicação, tal é a sua frequência. Notícias como: “Quatro adolescentes acusados de participação no estupro coletivo de quatro garotas na cidade de Castelo do Piauí, a 190 km de Teresina, foram condenados a cumprir três anos de internação como medida socioeducativa. O prazo para cumprimento da medida pode ser estendido, já que os menores serão avaliados a cada seis meses”. Notícia cuja manchete se intitulou “Menores são condenados a cumprir

internação por estupro coletivo no PI², nos fazem regressar ao ano de 1937, 81 anos atrás, quando no romance *Capitães da Areia* nos deparamos com um fato relacionado a esse desvio.

As “meninas negrinhas” eram alvos constantes de alguns desses meninos. Usavam, inúmeras vezes, a força para concretizar o ato sexual como aconteceu com “Capitão Pedro” – era assim que João de Adão o chamava -, ao estuprar uma menina, narrada numa das passagens mais chocantes da história:

[...] Era uma negrinha jovem, bem jovem, aparentando ter 15 anos de idade, Apressou seus passos pois ela se desviara da rua que passava pelo areal. Ia em silêncio. Mas, Pedro se aproximava cada vez mais. Em passos mais rápidos aproximou-se num instante da negrinha. Ele sorria e feito um animal feroz como se tivesse à caça do seu almoço. [...] A alcançou. E foi tão rápido que se esbarraram um no outro e ambos caíram na areia. Ela tentou se levantar, mas Pedro falou: “Não precisa, lindeza. Assim mesmo tá bom”. [...] Me deixa! Me deixa, desgraçado! Me deixa que sou virgem. Tu pode ser bom, não me querer. Depois tu encontra outra. Eu sou donzela, tu vai me fazer mal. [...] Tu tá falando a verdade? – Tô, juro! – Só boto atrás. Tu fica virgem igual. – Tu jura que não vai na frente? – Juro. [...] Desgraçado! Desgraçado! (AMADO, 1986, p. 79 a 85).

Os desvios e crimes dos capitães da areia evoluíram de roubos, assaltos, estupros para uma violência maior, se assim podemos dizer. Hoje os meios de comunicação continuam nos enchendo de manchetes, notícias criminais, inclusive nos jornais. A juíza auxiliar da Corregedoria Nacional de Justiça, Sandra Aparecida Torres, tem a mesma opinião. “Houve um aumento indiscutível da violência como um todo. E isso tem feito com que a sociedade tenha um anseio por mais rigor, por mais punição”³.

No Brasil o número de mortes é maior que nas doze zonas de guerra espalhadas pelo mundo. A Anistia Internacional no Brasil revelou esta estatística calculada entre 2004 e 2007, quando 192 mil brasileiros foram mortos, contra 170 mil espalhados em países como Iraque, Sudão e Afeganistão. Dessas mortes, o número de jovens foi de 30 mil, entre eles 77% negros. São dados estarrecedores, mas que refletem o momento pela qual o nosso país está atravessando. Uma crise que envolve as denúncias contra nossos governantes, como é o caso da corrupção, desviando verbas que seriam destinadas para as políticas sociais na aplicação da

² <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/07/menores-sao-condenados-pena-maxima-por-estupro-em-castelo-do-pi.html>

³ <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/11/em-1-ano-dobra-n-de-menores-cumprindo-medidas-no-pais-diz-cnj.html>

moradia, da saúde, da educação principalmente resultando em uma onda de criminalização generalizada fazendo com que, cada dia que passa, sejamos envolvidos por uma violência incontável. Falta de emprego, desigualdade social, renda *per capita* mal distribuída, preconceitos contra os pobres, os negros e os homossexuais, as mulheres, violência doméstica etc. É uma fotografia tirada na época dos *Capitães da Areia* revelada agora, em pleno século XXI. Entretanto, até mesmo os órgãos competentes se julgam incapazes da solução desses problemas.

Capitães da Areia foi lançado em 1937, quando o país atravessava uma fase onde o regime político brasileiro vivia sob o Estado Novo de Getúlio Vargas. E por denunciar, exatamente os problemas que vemos, que sentimos hoje, sobre a questão do abandono de menores, a desassistência à essa classe de brasileiros, Jorge Amado teve sua obra considerada “ofensiva à moral e aos bons costumes”. Tornou-se uma obra indesejada para o sistema e por isso foi queimada “em uma fogueira insólita”, na Cidade Baixa de Salvador, perto do Elevador Lacerda e do atual Mercado Modelo.

Na obra do jornalista Caco Barcelos, *Abusado, o dono do morro dona Marta* (2003), encontramos um retrato da criminalidade contemporânea. Santa Marta, morro encravado no coração da zona sul da cidade do Rio de Janeiro foi o cenário mostrado e escrito por Barcelos para que pudesse delatar suas histórias de guerra, morte, prisões, fugas e traições. Desvios e crimes que, comparados aos de Pedro Bala e sua turma, ultrapassam, em pleno 2018 (século XXI) em gênero e número a delinquência de 1937 (século XX). No romance do jornalista a personagem principal chama-se Juliano VP, codinome de um conhecido traficante carioca e membro da facção criminosa intitulada Comando Vermelho – CV.

Abusado é uma reportagem que se lê como romance, mas é também um livro imprescindível para quem quer entender a lógica, os meandros e o *modus operandi* das grandes corporações criminosas que comandam o tráfico de drogas e outras atividades ilegais no Rio de Janeiro (DANTAS, 2003).

Os desvios e crimes dos *Capitães da Areia* permanecem hoje com as mesmas motivações, e talvez evoluíram, infelizmente. O modo de vida de muitas crianças e adolescentes, que faziam parte do bando tornou-se para as crianças, jovens e adolescentes das cidades, grandes ou pequenas, das favelas, dos morros,

semelhantes, porém com maior agressividade por parte desses jovens em busca de algo que ainda não conseguiram como a falta de oportunidade de frequentar uma escola, de ter um emprego digno, de poder sustentar sua família. Muitos, porém, se desviam pelo simples fato querer conseguir um “trunfo”, um troféu para mostrar aos amigos, namoradas, amantes ou até mesmo para os familiares de que eles podem possuir o que quiserem através de seus atos desviantes e criminais. Por exemplo: o roubo de carros, para cometer mais assaltos na tentativa de trocar a mercadoria por drogas. Acrescente-se a esses desvios, além dos roubos, assaltos, estupros etc, o consumo de drogas, desenfreado, o tráfico de entorpecentes e de armas, e a banalidade na eliminação de vidas humanas através de mortes, às vezes sem necessidade, às vezes por um acontecimento que se tornou crucial na nossa sociedade: a bala perdida. Evoluiu do canivete para as armas automáticas e os fuzis.

Como Giddens (2008) observa, a noção de desviante não é fácil de ser definida, e a relação existente entre o desvio e o crime não é simples, mas é possível definir que o crime é uma subcategoria do comportamento desviante. Mesmo que o crime seja resultado de uma transgressão, a associação da criminalidade infantil constitui uma ligação a atividades que não são consideradas crimes. Os crimes do colarinho branco, cometidos por pessoas que tem um lugar na sociedade de maior aquisição monetária são crimes com maior proporção, com consequências maiores do que aqueles praticadas pelos pobres. A sua atividade criminal corresponde a práticas comerciais ilegais, sonegação de impostos, desfalques etc. E são crimes difíceis na sua avaliação e quase sempre não constam das estatísticas policiais ou oficiais, enquanto os crimes praticados por indivíduos marginalizados são desvios imperdoáveis e essas pessoas abarrotam as cadeias e unidades sócio educativas Para Giddens,

Uma sociedade tolerante em relação ao comportamento desviante não sofrerá necessariamente de ruptura social. Mas tal só poderá provavelmente ser alcançado quando as liberdades individuais estiverem associadas à justiça social, quer dizer onde exista uma ordem social em que as desigualdades não sejam notoriamente grandes e onde toda a população tenha oportunidade de levar uma vida plena e satisfatória. Se a liberdade não for contrabalançada com a igualdade e se muita gente achar a sua vida destituída de sentido, o comportamento desviante será provavelmente dirigido para fins socialmente destrutivos. (GIDDENS, 2008, p.241).

Portanto, as teorias funcionais, segundo Giddens, “encaram o crime e o desvio como o resultado de tensões estruturais e de uma ausência de regulação

moral no seio da sociedade” ((GIDDENS, 2008, p. 241). Para ele, são inocentes. Quando a ansiedade e a desorientação entram em colapso na vida tradicional da sociedade moderna ocorrem a pressão sentida pelos indivíduos que

[...] sentem sempre que as normas entram em conflito com a realidade social. As explicações subculturais, isto é, em termos de subculturas chamam a atenção para grupos (como as gangues) que rejeitam os valores dominantes, substituindo-os por normas que celebrem o desvio, a delinquência ou a não-conformidade. (GIDDENS, 2008, p.200).

A desigualdade social no Brasil é uma realidade incontestável. Enquanto ainda se ouve falas como “não és ninguém na minha frente”, “sabes quem eu sou?”, haverá uma ruptura de quem é certo ou errado, sendo que o errado dificilmente encontrará uma possibilidade de corrigir seus desvios se não houver a boa vontade de quem é certo ou se julga certo, resultando na continuidade de seus atos delinquentes, desviantes e criminosos.

Quando as normas, as leis entram em conflito com a realidade social, os indivíduos se sentem constrangidos ou obrigados a cumpri-las sem que se beneficiem dessas normas, dessas leis. Quando não aceitam tal situação então passam a ser rotulados como desviantes onde existem atos que confirmam esse rótulo e outros não.

Jorge Amado, em *Capitães da Areia*, deu voz aos personagens de uma história que não se acaba. Ela continua clamando por justiça, por uma mudança de comportamento por parte da governança do nosso país:

A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que vem com o ruído dos bondes onde vão os condutores e motorneiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido-de-Deus aplica. Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães da Areia. Uma voz que vem das filhas-de-santo do candomblé de Don’Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do trapiche dos Capitães da Areia. Que vem do reformatório e do orfanato. Que vem do ódio do Sem-Pernas se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura. Que vem dos quadros de Professor, onde meninos esfarrapados lutam naquela exposição da rua Chile. Que vem de Boa-Vida e dos malandros da cidade, do bojo dos seus violões, dos sambas tristes

que eles cantam. Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: companheiros. Uma voz que convida para a festa da luta. Que é como um samba alegre de negro, como ressoar dos atabaques nas macumbas. Voz que vem da lembrança de Dora, valente lutadora. Voz que chama Pedro Bala. Como a voz de Deus chamava Pirulito, a voz do ódio o Sem-Pernas, como a voz dos sertanejos chamava Volta Seca para o grupo de Lampião. Voz poderosa como nenhuma outra. Porque é uma voz que chama para lutar por todos, pelo destino de todos, sem exceção. Voz poderosa como nenhuma outra. Voz que atravessa a cidade e vem de todos os lados. Voz que traz com ela uma festa, que faz o inverno acabar lá fora e ser a primavera. A primavera da luta. Voz que chama Pedro Bala, que o leva para a luta. Voz que vem de todos os peitos esfomeados da cidade, de todos os peitos explorados da cidade. Voz que traz o bem maior do mundo, bem que é igual ao sol, mesmo maior que o sol: a liberdade. A cidade no dia de primavera é deslumbradoramente bela. Uma voz de mulher canta a canção da Bahia. Canção da beleza da Bahia. Cidade negra e velha, sinos de igreja, ruas calçadas de pedra. Canção da Bahia que uma mulher canta. Dentro de Pedro Bala uma voz o chama: voz que traz para a canção da Bahia, a canção da liberdade. Voz poderosa que o chama. Voz de toda a cidade pobre da Bahia, voz da liberdade. A revolução chama Pedro Bala”. (AMADO, 1986, p. 228 – 229)

A realidade da criança, do jovem e do adolescente, na nossa atualidade, no nosso país é que eles jamais terão a sua voz ouvida pelas leis soprando a seu favor, pela justiça, com imparcialidade, com seriedade, enquanto continuarem à margem de um convívio social, separados numa “cidade baixa”, sem auxílio, sem uma corda que lhe joguem para tirá-los do fundo do poço. São os mesmos desvios e crimes dos *Capitães da Areia*, agravados por uma desorganização governamental que não consegue pinçá-los do meio em que vivem. Um meio lamacento da criminalidade, ofertado por maiores traficantes, criminosos, que as usam para saciar a ganância do ser e estar cada vez mais no auge da inconsequente aspiração pelo poder.

Inclui-se, nesta orla de desviantes, autoridades federais, estaduais, municipais que também, na ânsia de continuar no patamar que adquiriram com seus desvios, continuam praticando esses mesmos desvios para suprir as suas necessidades “artificiais” ou “temporais”. A temática de *Capitães da Areia* nunca deixou e nem deixará de ser atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jorge Amado nos apresentou seus desvios e crimes através de seus capitães. Refletimos sobre sua narrativa concordando com as razões para a prática desses desvios. Entendemos que existe uma parcela da sociedade que, quando colocada à parte, à sua margem, não é enxergada mas que se apresenta à tona da realidade, que envereda pelos caminhos errantes, contrários a todas leis, leis essas que deveriam lhes dar o caráter de cidadãos brasileiros. E ele, Amado, conheceu de perto toda a estrutura de suas personagens criando, por excelência, o papel de um narrador denunciante daquilo que não lhe era aprovado na sua ambientação.

A narrativa nos fez voltar aos anos 30, onde conhecemos as razões pelas quais nasceram os *Capitães da Areia* com o objetivo de mostrar às autoridades daquela década que ali, naquela cidade, naqueles becos, corredores, labirintos, ruelas e vielas existia vida, ou melhor, existiam vidas que procuravam sobreviver às auguras de um mundo melhor, mais humano, mais justo. Suas personagens se fizeram ouvir por nós, como leitores atentos aos acontecimentos, quando os acompanhamos nas suas peregrinações, nas suas discussões, nos seus amores, nos seus desvios, nos seus crimes e no destino dado a cada um deles.

Dentre o contexto da história aprendemos com o sociólogo Anthony Giddens (2008), o que são indivíduos desviantes, quais as razões para que o ser humano passe a ser considerado um indivíduo desviante. Quais as normas a serem cumpridas e as que não são cumpridas, que resultam na marginalização, no desvio comportamental. Giddens também nos fez observar que as regras que definem o desvio são estabelecidas pelos ricos para os pobres, pelos homens para as mulheres, pelos mais velhos para os mais novos e pela maioria étnica para as minorias. Aprendemos com ele, também, que a delinquência está associada a comportamentos antissociais e às perturbações do comportamento.

Os *Capitães da Areia* mostraram seus desvios dentro da narrativa sob vários momentos conflitantes protagonizados por eles mesmos. Conhecemos suas características, seus desejos, seus sonhos, seus amores, decepções, angústias, sofrimento e sua religiosidade. Nos fizeram entender que eles continuam clamando pela igualdade social, agora representados pela nossa juventude contemporânea. E

cada integrante se apresentou com seus conceitos, com suas palavras às vezes sofridas, às vezes brincalhonas, às vezes dentro de uma canção, às vezes na reza dos católicos, como o padre José Pedro e Pirulito, ou no culto ao candomblé praticado por Pedro Bala, mesmo sem ser adepto presente, Boa-Vida, Querido-de-Deus e João Grande

Dormimos com os *Capitães da Areia* no velho trapiche, andamos pelas areias da praia, corremos pelas vielas e becos da cidade baiana de Salvador, entramos nas casas de mulheres ricas, passeamos pelo terreiro de D'Aninha, brincamos no carrossel do circo. Também conhecemos o temível Reformatório e o Orfanato, culpado pela morte de Dora. Porém, vimos também, Deus sorrindo como um negrinho. Em uma noite de grande paz, ouvimos a canção de amor de vitalina e os atabaques ressoando como clarins de guerra. Enfim, acreditamos que os Capitães da Areia formam uma pátria e uma família.

Hoje os capitães são outros. Os consideramos como Capitães do Asfalto, entre os quais não existe um Pedro Bala para os comandar, porém, vários personagens, desta vez não fictícios, mas reais, chamados “soldados do crime organizado” capitaneados por chefes de quadrilhas organizadas, formadas, muitas vezes, por jovens, adolescentes e adultos.

Este trabalho, assim esperamos, traz uma forma de chamarmos a atenção para a problemática concernente aos jovens e adolescentes do nosso país, no que diz respeito à sua discriminação perante a sociedade e as autoridades governamentais quanto aos seus desejos e sonhos de se tornarem cidadãos participantes, legalmente, dos direitos e deveres relatados na nossa Constituição Federal.

Procuramos atentar para os seus desvios, ou seja, suas ações consideradas criminosas, porque não trilham pelo caminho reto da sociedade que não os acolhe, que não os educa, que não os alimenta são consequentes dessa negatividade social. Existem e ainda vão continuar existindo muitos Pedros Bala, muitas Doras, muitos “capitães” que surgirão das areias da desigualdade e que, infelizmente, continuarão sendo manchetes dos nossos noticiários. Mas, até quando?

Estaremos sempre esperançosos de que tanto as autoridades máximas quanto a sociedade em geral do nosso país, não desistirão de buscar uma alternativa, com eficácia para, pelo menos, diminuir ao máximo a delinquência que

nos tira de uma liberdade cidadã, social, que deveríamos ter, por direito constitucional.

“A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota”. – Jean-Paul Sartre.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 63ª Ed., Rio de Janeiro, Editora Record, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail, **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Tradução Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Ed: Unesp/Hucitec. 1993
- BARCELOS, Caco, **Abusado, o dono do morro Dona Marta**, Rio de Janeiro, Edit. Record, 2003.
- BENJAMIN, Walter, **O Narrador**, 1985, P.205.
<https://www.passeidireto.com/arquivo/26175264/o-narrador-de-walter-benjamin/3>
- BOSI, Alfredo, **História Concisa da Literatura Brasileira**, 48ª Ed., São Paulo Editora Cultrix, 2012, Pg.418
- CALIMAN, Geraldo, **Paradigmas da exclusão social**, Brasília-DF, Edt.Universa, UNESCO, 2008, p. 113 e 114.
- CANDIDO, Antonio, **A Personagem da Ficção**, São Paulo, Edit. Perspectiva, 1976, p. 59.
- CÂNDIDO, Azevedo, **A Literatura e a Formação do Homem**, 1989, p. 85
- CHARTIER, Roger, 2001.
 Dicionário Informal. <https://www.dicionarioinformal.com.br/delinqu%C3%Aancia/> - Acesso em 20.04.2018.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996.
- ECA – **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Brasil, 2014.
- GANJO, Cândia Vilare, **Como analisar narrativas**, Edit. Ática, 2002, p. 14.
- GIDDENS, Anthony – **Sociologia**, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, pp 204, 205 e208.
- GOMES, Cáo Cesar Santos. **Violência Urbana** 2016, disponível em meuartigo.brasilecola.uol.com.br/.../a-face-violencia-urbana-questoes-atuais.htm
- HOGRAEFE, R.P, **Capitães da Areia, um estudo comprado entre os amados – literatura e cinema em diálogo, (dissertação)**, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015, p.38
- LINS, Osman, **Lima Barreto e o Espaço Romanesco e Ambientação**, São Paulo, Edit. Ática, 1976, p.80.

PELLGRINI, Marcelo. **Sociedade: Brasil mata 82 jovens por dia**. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/violencia-brasil-mata-82-jovens-por-dia-5716.html> - Acesso em 10.04.2016, às 15:00h

PESSOA, Fernando – **Livro do Desassossego**, Editora Assírio & Alvim, 1982, p. 327.

RAILLARD, Alice, **Conversando com Jorge Amado**, Rio de Janeiro, Editora Record, 1990, p. 200 ”.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas, **A Militância política na obra de Jorge Amado** – 2009, p.25).

SANTOS, F. G.; RODRIGUES, I.O.; BRICHTA, L., **Colóquio Internacional – 100 anos de Jorge Amado – História, Literatura e Cultura**, Santa Cruz, Bahia, 2013

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar, **Funções da Literatura. In: Teoria da Literatura**. 2ª Ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1968.